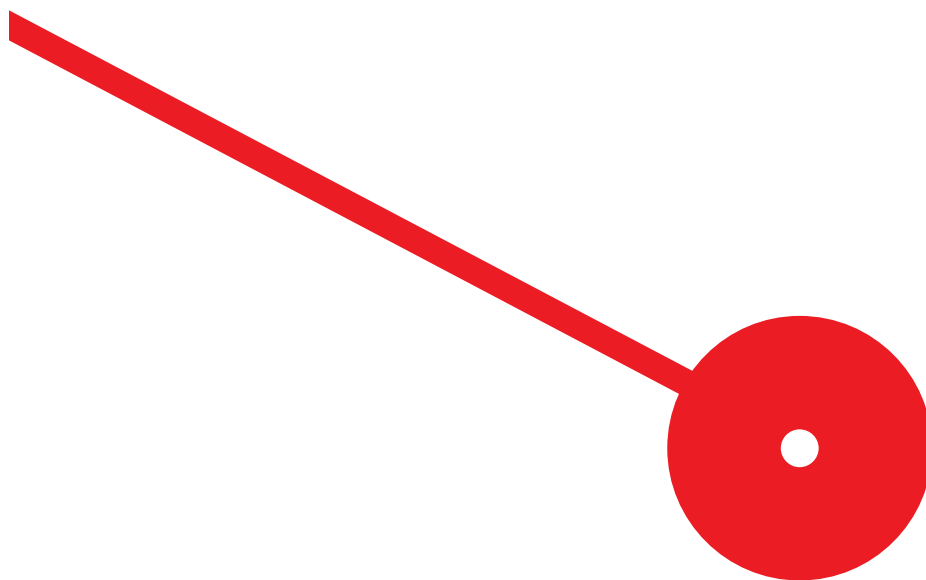




Relatório de Estágio: AP | Portugal - Tech Language Solutions

Inês Gonçalves dos Reis

2021/2022

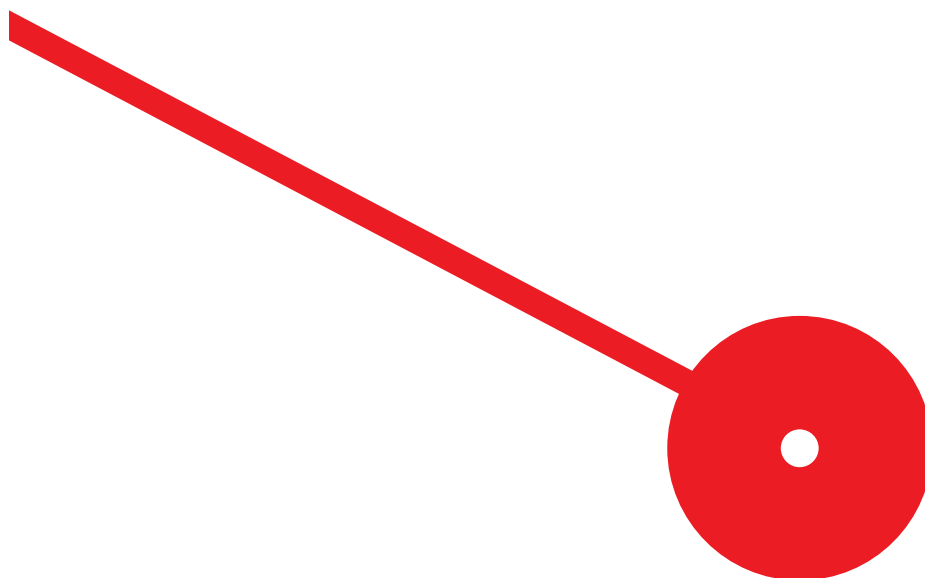




Relatório de Estágio: AP | Portugal - Tech Language Solutions

Inês Gonçalves dos Reis

Relatório de Estágio apresentado ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Tradução e Interpretação Especializadas, sob orientação da Prof. Laura Tallone.



Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Amazing Team da AP | Portugal pelo voto de confiança e por me terem recebido de braços abertos durante este estágio. Um agradecimento especial ao Ricardo Silva, Teresa Peixoto e Joana Silva por toda a ajuda e compreensão sempre que vos “chateava” para tirar dúvidas, por mais pequenas que eram. E, claro, ao Academy, com quem realizei esta etapa.

À minha orientadora, Prof. Laura Tallone pela sua orientação, sugestões e por acreditar nas minhas capacidades, apesar do início “tremido” e um pouco atrasado deste relatório. Sem os seus contributos, este trabalho não seria o mesmo.

Ao meu grupo de amigos pela paciência, em especial à Maria e Aléxia que sempre me encorajaram e ouviram as minhas queixas e ideias. E à Mariana pelas sessões de trabalho e distração durante este período.

Em último lugar, e não menos importante, à minha família pelo apoio incansável e por celebrarem comigo todas as etapas deste trabalho, tanto grandes como pequenas. Avó, já acabei o trabalho!

Resumo:

O presente relatório visa apresentar as tarefas e os desafios encontrados durante o estágio curricular de seis meses na empresa AP | Portugal – Tech Language Solutions, no âmbito do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto.

A primeira parte deste relatório centra-se na apresentação da instituição de acolhimento, da sua equipa e metodologia de trabalho. Em seguida, é analisado o fluxo de trabalho da empresa, bem como as atividades realizadas durante o período de estágio.

Numa segunda parte, é explorado o tema da qualidade da tradução e dos fatores que a influenciam, com especial foco no texto de partida. Recorrendo a informação académica e a opiniões de profissionais sobre o tema, este relatório pretende analisar a forma como um tradutor deve proceder em relação a um texto de partida de qualidade insuficiente.

Palavras chave: estágio curricular, tradução, avaliação de qualidade, texto de partida

Abstract:

This report aims to present the tasks and challenges encountered during the curricular internship of six months in the company AP | Portugal – Tech Language Solutions, carried out within the framework of the Master in Specialized Translation and Interpretation in Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto.

The first part of this report focuses on the presentation of the hosting entity, its team and work methodology. Followed by an analysis of the company's workflow, it also describes the activities undertaken during the internship.

In the second part, the theme of translation quality and influencing factors is explored, focusing on the source text. Using academic information and professional opinions on the subject, this report intends to analyze how a translator should proceed when dealing with a source text of poor quality.

Key words: curricular internship, translation, quality assessment, source text

Índice geral

Introdução	1
Capítulo I – A entidade de acolhimento	4
1 A AP Portugal.....	5
1.1 Constituição da empresa.....	6
1.2 Filosofia da empresa.....	8
Capítulo II – Tarefas realizadas.....	10
2 Tarefas	11
2.1 Projetos de tradução	11
2.1.1 Fluxo de trabalho	11
2.1.2 Volume de trabalho realizado	14
2.2 Gestão de eventos.....	19
2.3 Dificuldades e <i>feedback</i> recebido.....	21
Capítulo III – Qualidade da tradução	24
3 A qualidade.....	25
3.1 Avaliação de qualidade	25
3.1.1 Modelo de Julianne House.....	26
3.1.2 Modelo de Malcolm Williams	29
3.1.3 Modelo de Sonia Colina	30
3.1.4 Modelo de Brian Mossop.....	31
3.2 Normas de qualidade	32
3.3 Fatores da qualidade.....	35
3.3.1 O texto de partida.....	39
3.3.1.1 Opinião de profissionais	42
3.4 Reflexão e apresentação de um projeto.....	46
Conclusão	51
Referências bibliográficas.....	54

Apêndices.....	57
Apêndice I – Amostra do glossário.....	58
Anexos.....	61
Anexo I – Protocolo de estágio.....	62
Anexo II – Plano de trabalho	68
Anexo III – Plano de estágio.....	70
Anexo IV – Programa curricular de estágio da entidade de acolhimento.....	72
Anexo V – Apreciação do estágio por parte da entidade de acolhimento	81
Anexo VI – Certificados das formações realizadas	83
Anexo VII – <i>Feedback</i> de revisores.....	88
Anexo VIII – Respostas de fóruns	90

Índice de Figuras

Figura 1	Organograma da AP Portugal.....	7
Figura 2	Relatório de abril – Tradução.....	14
Figura 3	Relatório de abril - Projetos fora do Wordbee (Memsorce).....	15
Figura 4	Relatório de abril - Outras tarefas	15
Figura 5	Relatório de abril – Legendagem	15
Figura 6	Marcadores de organização do e-mail.....	15
Figura 7	Ferramentas utilizadas (elaboração própria)	18
Figura 8	Esquema para a avaliação das traduções. Fonte: House (2014).....	27
Figura 9	Translator's daffodil. Fonte: Bittner (2019)	36

Índice de Tabelas

Tabela 1	Volume de trabalho realizado	16
Tabela 2	Segmentos com a tag "</Unknown>" (elaboração própria)	48
Tabela 3	Reformulações e bengalas linguísticas (elaboração própria)	48
Tabela 4	Comparação entre tradução automática e tradução humana (elaboração própria)	49

Lista de abreviaturas

AP – Apoio Psicopedagógico

CATTI – Centro de Apoio aos Tradutores, Transcritores e Intérpretes

CEN – Centre Européen de Normalisation

CPLP – Comunidade de Países de Língua Portuguesa

DIRI – Departamento Informativo e das Relações Internacionais

DTP – Desktop Publishing

GIGO – Garbage in, garbage out / Garbage in, gold out

ISO – International Organization for Standardization

MARCOM – Departamento de Marketing e Comunicação

OCR - Optical Character Recognition

PACQ – Departamento de Paginação e Controlo de Qualidade

PEMT – Post-Editing Machine Translation

SEA – Search Engine Advertising

SEO - Search Engine Optimization

QA – Quality Assurance

TAC – Tradução Assistida por Computador

TEP – Translation, editing, proofreading

TQA – Translation Quality Assurance

Ao longo do meu percurso académico, durante a Licenciatura em Línguas Aplicadas e, mais tarde, durante o Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, apercebi-me rapidamente de que a experiência é extremamente importante para qualquer tradutor. Claro que uma base teórica sólida é também crucial, visto que serve como um guia orientador e fornece estratégias que o tradutor poderá utilizar no seu trabalho. Porém se este não for capaz de aliar a teoria à prática, não terá sucesso. Por essa razão, obter experiência é fulcral.

Para a conclusão do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, é dada aos alunos a oportunidade de escolher entre a elaboração de uma tese, um projeto ou a realização de um estágio. Para mim, um estágio sempre foi a escolha mais lógica, visto sentir que tinha muito pouca experiência prática de tradução e, devido a essa in experiência, me encontrava muito pouco preparada face a uma entrada iminente no mundo do trabalho.

Na minha opinião, a realização de um estágio tem várias vantagens, sendo duas das mais importantes a consolidação das competências adquiridas durante o percurso académico e a aquisição de outras competências que serão cruciais para o futuro profissional, quer como tradutora interna quer como *freelancer*. Além disso, a realização de um estágio numa empresa de tradução permite estar em contacto e aprender diretamente com outros profissionais, seja através da colocação de perguntas ou do *feedback* recebido. Numa empresa de tradução, é também possível experienciar em primeira mão a forma como a indústria e uma empresa de tradução funcionam, algo que, apesar da componente prática do plano curricular do curso, não é tão perceptível enquanto estudante.

A minha escolha pela AP | Portugal – Tech Language Solutions baseou-se no seu plano de estágio e formação estruturado e na multidisciplinaridade da empresa, o que me permitiria trabalhar em projetos de diversas áreas do conhecimento. Ademais, estando a dar os meus primeiros passos na indústria, o sistema de progressão de carreira da empresa através da inserção dos antigos estagiários no programa Rising Star, no qual o estagiário continua o seu trabalho para a empresa em regime freelance, foi também uma possibilidade atrativa.

A AP | Portugal foi também uma das primeiras empresas que mostrou interesse em me acolher e a sua prontidão a esclarecer todas as minhas dúvidas foi bastante apreciada. Em outubro, altura em que apresentei a minha candidatura para a empresa, a situação

pandémica estava ainda bastante instável, pelo que me foi aconselhado estar também aberta à possibilidade realizar um estágio remoto. Tal verificou-se na comunicação com a empresa, que na altura operava apenas em regime remoto, logo, as posições de estágio oferecidas eram remotas. Ainda assim, com a evolução da pandemia e o levantamento de restrições, tive a oportunidade de visitar as instalações da empresa em Vila Nova de Gaia em duas ocasiões.

O presente relatório surge então neste contexto e tem como objetivo relatar as atividades realizadas durante os seis meses de estágio, de 3 de janeiro a 30 de junho de 2022, encontrando-se para esse efeito estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo será feita uma apresentação da entidade de acolhimento, da constituição da sua equipa e metodologia de trabalho adotada. No segundo capítulo é explorado o fluxo de trabalho para um projeto de tradução, desde a sua receção até à entrega ao cliente. É também efetuada uma análise do volume de trabalho e das diferentes tarefas realizadas, bem como uma apresentação dos métodos de organização adotados e o *feedback* recebido.

Apesar de o volume de trabalho ser em grande parte constituído por projetos de tradução e pós-edição de tradução automática, devido à cobertura extensiva destes temas em outros trabalhos académicos, a reflexão teórica deste relatório será focada num tema diferente. Desse modo, o terceiro capítulo é dedicado à qualidade na tradução, um tema realçado frequentemente durante o estágio. Numa primeira parte deste capítulo, serão abordadas teorias sobre a avaliação da qualidade e uma breve história das normas de qualidade na Europa. Em seguida, serão explorados os fatores que podem influenciar a qualidade de uma tradução, focando principalmente na influência do texto de partida no produto final. Finalmente, serão expostas opiniões de alguns profissionais em relação a textos de partida de pouca qualidade.

CAPÍTULO I – A ENTIDADE DE ACOLHIMENTO

1 A AP | Portugal

Fundada em 1998, a AP | Portugal - Tech Language Solutions é uma empresa de serviços linguísticos com sede em Lisboa e Vila Nova de Gaia. Com o objetivo de apoiar os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e as variantes da língua portuguesa, a empresa opera também no mercado brasileiro e angolano através da AP | Brasil e AP | Angola, respetivamente.¹

Na sua fundação a AP | Portugal centrava-se na prestação de serviços linguísticos, nomeadamente de tradução, transcrição, interpretação e legendagem, porém com a evolução das novas tecnologias começou a investir também na prestação de serviços tecnológicos, entre os quais a localização de websites, software e apps, SEO e SEA multilingues, gestão de conteúdos multilingue, entre outros.

Como mencionado anteriormente, a AP | Portugal é uma empresa multidisciplinar, oferecendo os seus serviços linguísticos em diversas áreas do conhecimento, entre as quais: marketing e comunicação, setor industrial, indústria farmacêutica, ciências e tecnologias, gestão e economia, setor jurídico, setor financeiro, tecnologias de informação, ambiente e energia.

Ademais, trabalhando em áreas que frequentemente obrigam à necessidade da certificação das traduções, como é o caso da tradução jurídica, a AP | Portugal oferece este serviço. Uma vez que em Portugal a figura do tradutor ajuramentado não existe, a certificação de tradução apenas pode ser realizada por um notário, advogado, solicitador ou consulado. Por essa razão, a empresa assegura este serviço através do seu Departamento Jurídico.

Relativamente ao associativismo, a empresa é membro de várias associações destinadas a empresas e profissionais de tradução. A nível nacional, destaco a APTRAD (Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes) e a APET (Associação Portuguesa de Empresas de Tradução) e, a nível internacional, a ALC (Association of Language Companies), ATC (Association of Translation Companies), GALA (Globalization and Localization Association), ELIA (European Language Industry Association), EUATC (European

¹ As informações presentes neste capítulo foram retiradas de documentos internos da empresa e dos websites: <https://www.apportugal.com/> e <https://go.apportugal.com>.

Union Association of Translation Companies) e LEXIS (Comunidade Internacional de Profissionais em Serviços Linguísticos).

A preocupação da empresa pela prestação de serviços de qualidade é demonstrada pelas suas certificações ISO, entre as quais, as normas ISO 17100, que tem como objetivo definir requisitos de qualidade e as várias fases do processo de tradução, e ISO 18587, que define os requisitos de qualidade para projetos de pós-edição de tradução automática.

O objetivo da AP | Portugal passa pela utilização dos seus serviços para derrubar barreiras linguísticas, permitindo a aproximação dos povos através da comunicação numa língua comum. Porém, a responsabilidade social é também de grande importância para a empresa, sendo que o nome “AP” é o acrónimo da palavra “apoio psicopedagógico”, derivando da sua ligação institucional ao ApoioXXI. Esta instituição é um centro de ação psicopedagógico fundado também em 1998, especializado no apoio a crianças e jovens com necessidades educativas especiais desde o 1.º ciclo até ao ensino secundário. No centro, os jovens podem usufruir de apoio técnico especializado nas áreas da psicologia, terapia da fala, psicomotricidade e ensino especial. A contribuição da AP | Portugal no ApoioXXI passa pelo desenvolvimento da instituição, das instalações, equipamentos e possibilitar que a instituição mantenha uma política de preços e serviços acessíveis à maior parte da população.²

1.1 Constituição da empresa

A AP | Portugal é gerida por Mário Júnior, que além de ocupar a função de CEO, é também tradutor, intérprete e consultor. A equipa da AP é constituída por colaboradores internos e externos, isto é, por profissionais em regime freelance.

A equipa interna está organizada por vários departamentos, cada um com funções diferentes, dos quais destaco os seguintes:

O Departamento Informativo e das Relações Internacionais (DIRI) é responsável pelas relações internacionais e comerciais, acompanhamento legal e parcerias.

O Centro de Apoio aos Tradutores, Transcritores e Intérpretes (CATTI) é responsável pela gestão de projetos, recursos humanos e qualidade. O CATTI é a ponte de contacto entre o cliente e o prestador de serviços linguísticos, pelo que deve informar os últimos

² Informações presentes no website do centro ApoioXXI (<https://www.apoioxxi.com/>).

das instruções específicas do cliente e prestar apoio ao tradutor com qualquer dúvida ou problema que surja.

O Departamento de Paginação e Controlo de Qualidade (PACQ) é responsável pelo *desktop publishing* (ou DTP), pela paginação e pelo controlo de qualidade dos projetos.

O Departamento Administrativo e Financeiro (DAF), como o nome indica, é responsável pela contabilidade da empresa.

O Departamento de Marketing e Comunicação (MARCOM) é responsável pelo marketing, gestão dos sites e redes sociais da empresa, bem como do conteúdo publicado nos mesmos.

Por último, o Departamento Jurídico é responsável pelos textos jurídicos, certificações de documentos e apostilas.

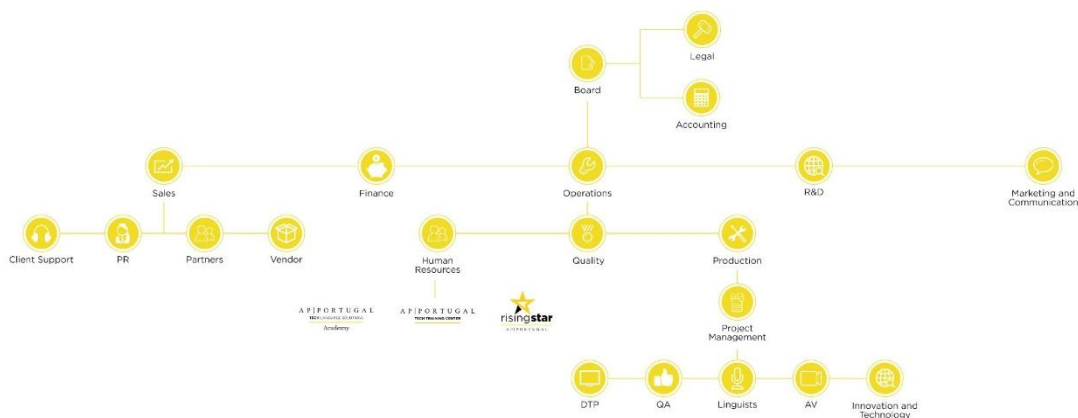


Figura 1 Organograma da AP | Portugal

Fonte: site da AP Portugal

Além destes departamentos, destaco também a existência do AP | Academy, inserido nos Recursos Humanos. O Academy é composto pelos estagiários da empresa e, durante o período do meu estágio, teve sempre de 7 a 9 estagiários.

Apesar da natureza remota do estágio, foi possível estar em contacto com a equipa através de vários meios. Um desses foram as reuniões de acompanhamento semanais do Academy, que tinham como objetivo saber como correu a semana de cada um, partilhar dificuldades e trocar impressões e permitiram também conhecer melhor os outros estagiários e os mentores.

Além disso, a empresa utiliza a rede social Workplace como meio de comunicação principal. É através desta rede social que são partilhados os anúncios relevantes para todos os colaboradores, bem como os pedidos de DTPs para o PACQ. Além disso, permite o envio de mensagens de forma mais rápida e informal entre colaboradores, o que se afigura extremamente útil no esclarecimento de dúvidas rápidas e na criação de conversas de grupo.

1.2 Filosofia da empresa

Como um compromisso consigo e com os seus clientes, a AP | Portugal incute os princípios da metodologia de melhoria contínua Kaizen a todos os seus colaboradores, sendo que no início do estágio realizei uma formação sobre o tema de forma a me familiarizar com os valores desta filosofia e metodologia de trabalho.

Com origem no Japão após a segunda guerra mundial, esta metodologia permitiu a recuperação da economia do país sem recurso a grandes meios financeiros. Inicialmente uma estratégia adotada por empresas para garantir a sua sustentabilidade a longo prazo, esta acabou por se tornar numa metodologia adotada por empresas em todo o mundo.

Esta palavra “Kaizen”, resulta da junção de duas palavras japonesas, adotando o significado de “melhoria contínua”. De facto, uma frase que representa esta ideia de melhoria contínua de forma precisa é o lema: “Hoje melhor do que ontem, amanhã melhor do que hoje”. Os princípios basilares desta filosofia consistem em:

- Aprender através da prática;
- Eliminar todo o desperdício;
- Fundamentar o aumento de produtividade em ações de elevado investimento financeiro;
- Aplicar a metodologia em todas as áreas da empresa
- Envolver os colaboradores no processo de melhoria;
- Divulgar as melhorias obtidas, garantindo uma comunicação transparente;
- Centrar as ações nas áreas/locais de maior necessidade;
- Ter como objetivo único a melhoria dos processos;
- Dar prioridade à melhoria das pessoas.

Através da implementação desta filosofia e metodologia de trabalho, pretende-se que a empresa seja capaz de mudar e adaptar-se de forma contínua, sendo importante a

consciencialização, a união dos colaboradores em torno destes valores e a aceitação de novas ideias auxiliares à mudança necessária. A adoção da metodologia Kaizen é uma mais-valia, pois traduz-se na otimização dos processos da empresa e na satisfação do cliente, sempre com recurso a ações de baixo custo financeiro.

A implementação da metodologia Kaizen na AP | Portugal pode ser observada no constante pedido de *feedback* aos colaboradores relativo ao seu trabalho ou decisões que a empresa estava a ponderar. No meu caso, era-me pedida a minha opinião sobre as formações criadas pela empresa através do Tech Training Center, nomeadamente as formações relativas às normas de qualidade ISO 17100 e 18587, ao teletrabalho, à internacionalização e gestão de conteúdo digital e a *desktop publishing* e controlo de qualidade, bem como pontos que achava que podiam ser melhorados. No final de cada mês preenchia também um formulário de autoavaliação relativo ao mês que estava a terminar, no qual era pedido que partilhasse também os pontos positivos e negativos de cada mês e sugestões de melhoria.

Além disso, as sessões Masterclass organizadas pela empresa e com o envolvimento de todos os colaboradores internos e o Academy servem também como um bom exemplo da aplicação do Kaizen, além de, devido à natureza remota do estágio, facilitarem a interação com colegas de outros departamentos com quem não estaria em contacto. Estas consistem em reuniões curtas, nas quais é partilhado um vídeo relacionado com o tema da sessão, seguido de um momento de troca de impressões. Estas sessões têm como objetivo promover a autorreflexão, o desenvolvimento pessoal e o espírito de equipa.

CAPÍTULO II – TAREFAS REALIZADAS

2 Tarefas

O estágio provou ser um período de aprendizagem muito versátil – apesar de ter realizado maioritariamente projetos de tradução, pós-edição de tradução automática e releitura, desempenhei também tarefas pontuais em *desktop publishing*, legendagem e gestão de eventos.

Neste capítulo irei definir e explorar estas atividades, bem como descrever o fluxo de trabalho seguido pela empresa, as ferramentas utilizadas no trabalho e algumas dificuldades encontradas. Neste trabalho é também realizada uma análise e reflexão pormenorizadas de um projeto realizado durante o estágio, porém esta foi inserida no capítulo 3, visto se articular com as considerações exploradas ao longo do capítulo sobre o conceito de qualidade.

2.1 Projetos de tradução

2.1.1 Fluxo de trabalho

Como foi referido anteriormente, a AP | Portugal possui uma certificação pela norma ISO 17100, que define os requisitos de qualidade e as fases do processo de tradução. Esta certificação implica que a empresa tem a obrigação de seguir os preceitos da norma, relativamente aos processos e recursos da prestação de um serviço de tradução. Segundo esta norma, o ciclo de vida de um projeto passa por três fases: pré-produção, produção e pós-produção.

A fase de pré-produção tem início com a receção do projeto pelo gestor de projetos. Os documentos enviados pelo cliente são frequentemente documentos não editáveis, por exemplo: ficheiros PDF não editáveis, digitalizações, fotografias, entre outros. Tal obriga a que estes documentos passem pela fase de *desktop publishing*, isto é, a conversão do documento não editável recebido para um documento editável.

A empresa distingue ainda entre dois tipos de DTP: o DTP de orçamento e DTP de tradução, ambos com finalidades diferentes. Enquanto o DTP de orçamento dá prioridade ao levantamento de palavras do projeto para a comunicação de um orçamento ao cliente, o DTP para tradução é realizado após a adjudicação do projeto e a sua prioridade é obter um documento editável visualmente semelhante ao documento original.

Tanto para o DTP de orçamento como para o DTP de tradução, uma das ferramentas mais utilizadas na empresa é a ferramenta de OCR, ABBYY FineReader. Após a abertura do ficheiro na ferramenta de OCR, é necessário selecionar a língua do documento para que o reconhecimento tenha melhores resultados e, em seguida, é apenas necessário executar o reconhecimento do documento inteiro ou de algumas páginas. Apesar de ser uma ferramenta extremamente útil para esta tarefa, tem as suas falhas e a intervenção humana costuma ser necessária para corrigir erros de digitação provenientes do mau reconhecimento do texto. Além disso, se o documento for uma digitalização de má qualidade ou manuscrito, é muito provável que o reconhecimento de texto não seja possível ou tenha muitos erros.

Da mesma forma que o pedido de DTP é realizado através de uma publicação no Workplace, após a sua conclusão, o documento é também publicado na plataforma com a identificação do respetivo gestor de projeto que fez o pedido e notas relevantes, se necessário.

Estando o projeto adjudicado e o DTP concluído, o gestor de projetos cria o projeto na ferramenta TAC a utilizar e atribui a tarefa aos tradutores disponíveis.

Segue-se então a fase de produção, também designada como TEP (*translation, editing, proofreading*), que é frequentemente composta pela tradução, a revisão e a releitura. Segundo a norma ISO 17100, cada uma destas tarefas deve ser assegurada por tradutores diferentes.

Independentemente da ferramenta TAC específica utilizada para a tarefa, todas são distribuídas pelo Wordbee, que não só serve como software de tradução, mas também como software de gestão de projetos e recursos humanos. Através do Wordbee, o gestor de projetos consegue verificar a disponibilidade de cada tradutor, de forma a atribuir a tarefa a quem esteja disponível. No Wordbee, o gestor de projetos pode também adicionar quaisquer instruções ou mensagens do cliente na secção de instruções (ou a ligação para o projeto, caso este seja realizado numa outra plataforma), materiais de referência ou enviar mensagens ao tradutor.

Sempre que uma nova tarefa lhe é atribuída, o tradutor recebe um e-mail do Wordbee, que inclui o nome do projeto, tipo de tarefa, prazo, contagem de palavras e a mensagem do gestor de projetos. Com esses dados, pode avaliar se tem disponibilidade para realizar

o projeto dentro do prazo estabelecido e, acedendo ao Wordbee, pode aceitar ou recusá-lo.

A tarefa de tradução deve respeitar as especificações do projeto e o guia de estilo do cliente (caso exista), bem como estar em conformidade com a terminologia da área, do cliente e/ou de materiais de referência. Antes da entrega do projeto, o tradutor deve proceder à verificação do seu trabalho, isto é, uma última leitura que tem como objetivo corrigir quaisquer erros ou inconformidades na tradução. Para este processo, o tradutor é encorajado a utilizar a ferramenta de controlo de qualidade (QA) na ferramenta TAC, bem como descarregar o documento de chegada em Word e executar a correção de erros, implementando quaisquer alterações necessárias na ferramenta TAC.

Após a tradução e a verificação, segue-se a revisão. Durante a revisão, o revisor deve examinar o texto de chegada comparando-o ao texto de partida, de forma a corrigir quaisquer erros ou não conformidades com as especificações do projeto. O revisor é instruído a apenas efetuar alterações necessárias e não baseadas em preferências.

Por outro lado, a releitura foca-se no texto de chegada e dá prioridade à deteção de erros ortográficos ou gramaticais e à fluência do texto. O tradutor responsável pela releitura raramente intervém diretamente no projeto original, recebendo um documento bilingue do projeto, onde realiza as alterações relevantes com a ferramenta de registo de alterações ativa. Uma vez concluída a tarefa, deve anexar os documentos em que efetuou alterações na respetiva tarefa do Wordbee. Ao contrário da revisão, a releitura não é um passo obrigatório e é apenas implementado mediante pedido do cliente.

Normalmente após a conclusão do TEP, os projetos que foram alvo de DTP são submetidos a um controlo de qualidade. No controlo de qualidade são verificados erros de ortografia, espaçamentos duplos ou *tags* em falta e é corrigida qualquer desformatação do documento causada pelo aumento do número de palavras na tradução. Verifica-se ainda se a tradução cumpre os requisitos do cliente.

Após a entrega do projeto ao cliente e em conformidade com as disposições da norma ISO 17100, a empresa possui um serviço de pós-venda em vigor, denominado Sistema de Satisfação Total, segundo o qual o cliente dispõe de um período de 20 dias para a análise e revisão da tradução, na qual pode solicitar uma nova revisão do projeto, correção ou adaptação do texto. Apenas findo esse período, é possível considerar o projeto como terminado.

2.1.2 Volume de trabalho realizado

Uma ferramenta que se provou muito útil para a organização e cálculo do volume de trabalho realizado foi o relatório mensal. Este é um documento disponibilizado pela empresa e partilhado com os colaboradores, que o devem preencher detalhadamente com todas as atividades realizadas durante cada mês. Para esse efeito, o relatório é composto por várias folhas dedicadas aos diferentes tipos de atividades, como projetos de tradução no Wordbee ou em outras plataformas, formação, DTP, legendagem, entre outras.

O registo de projetos de tradução inclui o nome do projeto, número de palavras, data de atribuição e de entrega, par linguístico, início e fim da atividade e a duração da tarefa. Apesar de no início não estar habituada a contabilizar o tempo que demorava na realização dos projetos, acabei por me habituar a esta prática e achei bastante útil para ter noção do tempo médio necessário para os diferentes tipos de projetos. Ter esta noção ajudou-me também a ser capaz de estimar se conseguiria cumprir os prazos de entrega ou se, em dias mais atarefados, seria possível “encaixar” mais um projeto. De forma a manter o relatório mensal sempre o mais atualizado possível, sempre que recebia um projeto por e-mail, efetuava o seu registo no relatório, deixando os campos de início e fim da tarefa em branco, campos estes que apenas atualizava quando de facto iniciasse e/ou terminasse a tarefa.

Seguem-se algumas capturas de ecrã parciais do relatório mensal relativo ao mês de abril. Escolhi o relatório deste mês, devido às diferentes atividades realizadas ao longo do mesmo. Além da tradução, PEMT e releitura, realizei também tarefas de gestão de eventos e uma legendagem.

N.º palavras	Data de atribuição	Data de entrega	Par Linguístico	Início	Fim	Duração da tarefa	Notas
2200	29/03/2022	01/04/2022	EN-PT	01/04/2022	01/04/2022	01:02:00	
1789	30/03/2022	04/04/2022	EN-PT	04/04/2022	04/04/2022	00:39:00	
357	31/03/2022	01/04/2022	EN-PT	01/04/2022	01/04/2022	0:30:00	Pós-edição PEMT Smartling
165	31/03/2022	04/04/2022	EN-PT	01/04/2022	01/04/2022	0:19:00	
422	31/03/2022	01/04/2022	EN-PT	01/04/2022	01/04/2022	1:05:00	Pré-edição PEMT Smartling
680	01/04/2022	04/04/2022	EN-PT	01/04/2022	04/04/2022	1:40:00	Pós-edição PEMT

Figura 2 Relatório de abril – Tradução

Memsources								
Ref. Projeto	Data	INTERNO / EXTERNO	Tradução	Revisão	Releitura	Outro	Duração da tarefa	Quantidade de palavras
662	14/04/2022	EXTERNO	x				03:31:00	1126
348	19/04/2022	EXTERNO	x				1:45:00	255
3419]	26/04/2022	EXTERNO	x				6:56:00	3095
3800]	29/04/2022	EXTERNO	x				1:45:00	698

Figura 3 Relatório de abril - Projetos fora do Wordbee (Memsources)

OUTRAS TAREFAS					
Data	Tipo de tarefa	Mentor	Duração da tarefa	Site / link	Descrição da tarefa/Notas
14/04/2022	Gestão de Eventos	Cátia Rodrigues	02:13:00		IJUP - Introdução de oradores na plataforma, criação e organização de salas
18/04/2022	Gestão de Eventos	Cátia Rodrigues	3:01:00		IJUP - Organização de salas
19/04/2022	Gestão de Eventos	Cátia Rodrigues	0:25:00		IJUP - Organização de salas
19/04/2022	Formatação de documentos	Cátia Rodrigues	0:41:00		
20/04/2022	Gestão de Eventos	Cátia Rodrigues	0:30:00		IJUP - Organização de salas, introdução de moderadores na plataforma
21/04/2022	Gestão de Eventos	Cátia Rodrigues	0:40:00		IJUP - Organização de salas, introdução de moderadores na plataforma
26/04/2022	Gestão de Eventos	Cátia Rodrigues	0:13:00		IJUP - Organização de salas, introdução de moderadores na plataforma
27/04/2022	Gestão de Eventos	Cátia Rodrigues	01:11:00		IJUP - Organização dos co-anfitriões, moderadores e oradores
28/04/2022	Gestão de Eventos	Cátia Rodrigues	1:32:00		
28/04/2022	Gestão de Eventos	Cátia Rodrigues	1:30:00		IJUP - Auditoria com moderadores

Figura 4 Relatório de abril - Outras tarefas

PROJETOS DE LEGENDAGEM							
Interna/Externa	Legendagem	Tradução	Revisão	Duração vídeo	Duração tarefa	N.º de palavras	Notas
Externa	x			2:00:02	9:16:00		Legendagem da última hora do vídeo.

Figura 5 Relatório de abril – Legendagem

Porém, o relatório mensal não foi a única ferramenta que utilizei para acompanhar as minhas tarefas diárias. Apesar de ser algo muito simples, uma prática que adotei no início do estágio foi a de organizar os e-mails com diferentes marcadores, utilizando cores para os diferenciar, tal como exemplificado na figura 6.











-  Feedback
-  Formação/webinars
-  Formações (certificados)
-  Guias
-  IJUP
-  logins
-  Projetos
-  notificações
-  Relatório mensal
-  Reuniões

Figura 6 Marcadores de organização do e-mail

Além de a organização por cores permitir encontrar e-mails de forma mais rápida e eficiente, era fácil identificar os projetos que tinha para realizar e as suas respetivas datas de entrega, a partir da caixa de entrada. Desta forma, sabia sempre quais os projetos que tinha de iniciar com mais urgência. Além disso, sempre que terminava um projeto ou um e-mail deixava de ser relevante, este era arquivado, deixando a caixa de entrada limpa e organizada.

Durante o estágio, as tarefas mais realizadas foram a tradução e PEMT, apesar de que realizei também tarefas de releitura e, mais pontualmente, de DTP, legendagem e gestão de eventos.

Na tabela seguinte, é possível observar o volume de trabalho de cada mês do estágio, relativo às tarefas de tradução, PEMT e releitura. Escolhi não incluir a gestão de eventos, legendagem e DTP na tabela, visto serem tarefas que realizei muito esporadicamente.

Mês	Tradução	PEMT		Releitura	Total de palavras
		Pré edição	Pós edição		
Janeiro	14 030	3 200	7 694	6 781	31 705
Fevereiro	59 300	1 877	30 839	0	92 016
Março	60 032	9 950	15 968	2 768	88 718
Abril	37 749	19 179	5 295	13 797	76 020
Maior	59 963	26 862	29 441	5 831	122 097
Junho	34 943	10 981	46 987	5 388	98 299

Tabela 1 Volume de trabalho realizado

Começo por realçar o volume reduzido de trabalho no mês de janeiro, este é explicado pelo facto de ser o primeiro mês do estágio. As primeiras duas semanas do estágio foram passadas a realizar as formações que constam do programa curricular da empresa. Estas formações foram sobre vários temas, como o teletrabalho, norma ISO 17100, DTP, pós-edição, legendagem, transcrição, entre outros. Algumas destas formações faziam parte do centro de formação criado pela AP | Portugal, o Tech Training Center. Antes de começar a manusear as ferramentas de tradução utilizadas pela empresa, e de forma a me familiarizar com as mesmas, foi-me também recomendada a leitura dos seus manuais de utilização ou a visualização de webinars relativos à sua utilização.

O número elevado de palavras nos restantes meses foi possível devido ao facto que grande parte dos projetos recebidos tinham muitas correspondências a 100% na memória de tradução, que segundo as instruções do cliente se encontravam fora do âmbito de TEP, logo, não necessitavam de intervenção. Muitos desses textos tinham sido traduzidos anteriormente e, portanto, era apenas necessário intervir em alguns segmentos. Ademais, realizei alguns projetos em conjunto com outros membros do Academy, devido à sua dimensão e/ou prazo.

Como é possível observar na tabela, o mês mais produtivo em termos de quantidade de palavras foi, sem dúvida, o mês de maio. Apesar de ter realizado vários projetos de menor dimensão e, portanto, mais rápidos, realizei também alguns dos projetos mais longos que recebi durante o estágio. Um deles sendo uma pré-edição de quase 25 mil palavras, o qual comecei, mas que acabou que por ser finalizado por outra colega devido à minha indisponibilidade para o continuar.

Abordando o tópico da pré e pós-edição da tradução automática, acho relevante esclarecer a diferença entre as duas tarefas. Ambas lidam com o produto da pré-tradução de um documento recorrendo a um sistema de tradução automática, que no caso da empresa costuma ser o DeepL, e têm como objetivo obter um resultado de qualidade equivalente a uma tradução realizada por um tradutor humano. Nem todos os projetos requerem ambas as tarefas, porém quando necessárias, a pré-edição e a pós-edição são realizadas por pessoas diferentes.

A pré-edição da tradução automática é entendida como a preparação do texto de partida antes de este ser submetido ao sistema de tradução automática. Esta preparação incluiu a correção de possíveis erros, ambiguidades e simplificação do texto, de forma a melhorar o resultado da tradução automática (Arenas, 2019, p. 334). Porém, na AP | Portugal o pré-editor não efetua qualquer alteração no texto de partida. Durante as tarefas de pré-edição, a minha prioridade era corrigir quaisquer erros mais básicos, como os de ortografia (por exemplo, palavras escritas segundo a ortografia anterior ao Acordo Ortográfico), pontuação ou gramática, e efetuar alterações ao texto de chegada para que este siga as instruções/guia de estilo do cliente.

Visto que estes projetos de PEMT são frequentemente realizados em conjunto com outra pessoa, o preenchimento da lista de verificação disponibilizada pela empresa é ainda mais pertinente. Esta lista de verificação inclui várias categorias, como por exemplo gramática,

terminologia, sintaxe, ortografia, entre outros, e o seu preenchimento é bastante útil para acompanhar as alterações efetuadas. Esta lista de verificação é depois anexada ao projeto no Wordbee, estando, assim, disponível para a consulta dos outros intervenientes do projeto.

Apesar de ter realizado projetos de diferentes áreas do conhecimento, entre outros, na área jurídica, económica e médica, uma parte substancial dos projetos que recebi durante o estágio foram do domínio das tecnologias da informação, sendo que a um ponto do estágio estava responsável por grande parte do volume de projetos enviados pelo mesmo cliente. Através do trabalho constante com projetos deste cliente, fui criando o meu próprio glossário de termos (para uma amostra do glossário, ver Apêndice I) que apareciam frequentemente ou que poderiam ser úteis em futuras traduções e algumas instruções do cliente, como por exemplo a utilização de espaço protegido (ou NBSP), entre outros. Mais tarde, este glossário foi partilhado com o resto do Academy e a tradutora interna responsável pela revisão dos projetos deste cliente, para que todos os que trabalhassem com projetos deste cliente pudessem atualizar o glossário.

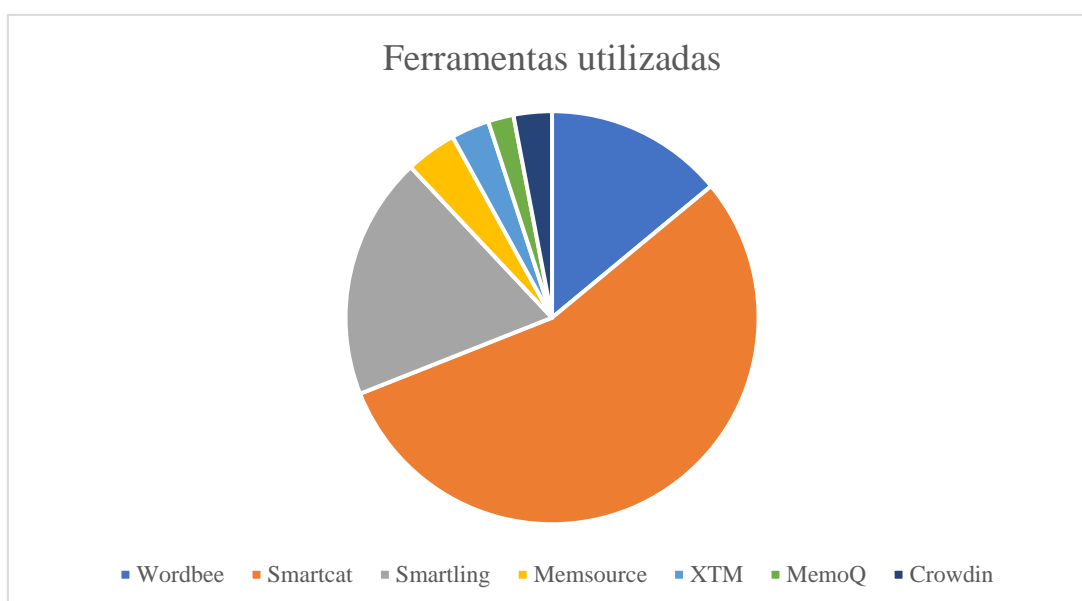


Figura 7 Ferramentas utilizadas (elaboração própria)

Relativamente às ferramentas TAC, é possível observar através do gráfico acima apresentado, que apesar de o Wordbee ser a plataforma através da qual os projetos eram atribuídos e a ferramenta de eleição da empresa, o Smartcat foi a ferramenta mais utilizada durante o estágio. Esta maior utilização da plataforma deve-se à realização de um grande

volume de traduções para os mesmos clientes, traduções estas que eram sempre realizadas na plataforma.

Usualmente, as ferramentas de tradução são escolhidas com base nas preferências dos clientes, sendo que em alguns casos os clientes têm o seu servidor próprio numa ferramenta de tradução online. Nos casos em que o cliente não tem preferência pela ferramenta utilizada, a empresa recorre ao Wordbee Translator, sendo que a empresa é a representante deste mesmo software no mercado CPLP.

2.2 Gestão de eventos

Tal como referido anteriormente, a gestão de eventos online foi uma das tarefas que também desempenhei durante o estágio, nomeadamente a gestão do evento IJUP - Investigação Jovem da Universidade do Porto, realizado nos dias 4 e 5 de maio.

A gestão de eventos foi, sem dúvida, um novo desafio. Apesar de ser uma atividade na qual não possuía experiência, consegui adaptar-me facilmente, graças a conhecimentos básicos sobre a plataforma Zoom e as suas funcionalidades que obtive durante o período de pandemia e de aulas online.

Pode-se considerar que a gestão de eventos tem três fases, sendo estas a preparação, o evento e o “pós-evento”. Destas três fases apenas participei na preparação e no evento e, por essa razão, vou focar-me apenas nestas etapas.

Durante a fase de preparação do evento, ou o “pré-evento”, devido à minha disponibilidade na altura, fiquei responsável pela introdução dos dados dos participantes na plataforma Zoom Events e pela sua organização nas sessões em que participariam na qualidade de moderadores ou oradores. Nesta fase, era crucial prestar atenção a toda a informação partilhada pelo cliente, uma vez que as informações se encontravam em constante atualização, e atualizar os dados na plataforma em conformidade com as alterações.

Também durante a fase de preparação do evento foram realizadas auditorias. Estas consistem em pequenas reuniões individuais ou em grupo com os participantes do evento nos dias anteriores ao mesmo. Durante as auditorias os participantes têm a oportunidade de testar funcionalidades do Zoom que serão relevantes durante o evento (nomeadamente, a partilha de ecrã e a utilização de fundos virtuais) e é também possível esclarecer dúvidas que possam ter relativamente ao evento ou à plataforma em si.

Este evento teve a particularidade de ser realizado no Zoom Events, uma plataforma do Zoom dedicada exclusivamente a eventos virtuais, que é um pouco mais complexa do que o Zoom Meetings, que é a versão mais corrente. Por este motivo, nas auditorias foi também explicado aos participantes como é possível aceder ao Zoom Events e navegar na plataforma para encontrar as sessões em que iriam participar. De forma a testar o acesso à plataforma, um colega encontrava-se numa reunião normal de Zoom e indicava aos participantes todos os passos a seguir para aceder à reunião do Zoom Events onde eu me encontrava.

A pedido do cliente foi também criado um pequeno vídeo de orientação para os participantes que não tiveram oportunidade de estarem presentes nas auditorias. Este vídeo consistia num resumo do que foi abordado durante as auditorias, como por exemplo, o acesso ao evento, como navegar no “Lobby” do Zoom Events e encontrar as sessões pretendidas, a utilização de fundos virtuais e a partilha de ecrã.

Durante o evento em si, não foi necessário ter um papel tão ativo. Em todas as sessões estavam presentes dois membros da equipa da AP | Portugal, identificados com a designação “Helpdesk”, para permitir o reconhecimento fácil por parte dos participantes. A presença de dois membros do “Helpdesk” em cada sessão era necessária para que, no caso de dificuldades técnicas, fosse possível assegurar que a reunião continua sem percalços.

A função do anfitrião consistia na abertura das sessões um pouco antes da hora (as primeiras sessões da manhã eram abertas uma hora antes do início do evento, porém todas as outras foram abertas entre 30 a 15 minutos antes), para que os moderadores e oradores pudessem entrar atempadamente. Devido ao registo dos moderadores e oradores na plataforma do Zoom Events, estes entravam diretamente na sessão sem passar pela sala de espera, porém, era sempre necessário estar atenta à sala de espera no caso de os participantes utilizarem um e-mail diferente do utilizado no registo.

Depois de os moderadores entrarem na sala, era possível informá-los de qualquer informação relevante e clarificar qualquer dúvida que surgisse ou resolver algum problema (por exemplo, problemas de acesso, etc.). Antes da sessão ter início, o anfitrião tinha também de se certificar que a sessão estava a ser gravada e era transmitida para o Lobby. A transmissão para o Lobby permitia que qualquer visitante conseguisse acompanhar as sessões sem entrar na sala onde esta estava a decorrer.

Uma vez iniciada a sessão, o papel do anfitrião resumia-se a deixar entrar participantes que estivessem na sala de espera e, no final, parar a gravação da sessão e fechar a sala.

2.3 Dificuldades e *feedback* recebido

O *feedback* relativo aos projetos podia vir do gestor de projetos, do revisor ou, em casos mais raros, do cliente. O mais frequente era receber *feedback* dos revisores dos projetos, especialmente quando os projetos eram revistos pelas tradutoras internas. No caso de projetos revistos por revisores externos, era muito raro receber comentários, pelo que, sempre que o projeto era realizado no Wordbee, recorria à comparação da revisão com o trabalho que tinha realizado. No Wordbee também era possível criar um relatório do projeto em formato Excel com todas as alterações efetuadas em cada segmento e quaisquer comentários. Esta foi uma ferramenta bastante útil, especialmente para projetos do mesmo cliente, dos quais dou o exemplo de manuais de utilizador de produtos eletrónicos, para os quais era relevante manter a coerência entre os diferentes manuais.

No geral, o *feedback* que recebi do trabalho realizado foi positivo, apesar de ter recebido algumas notas dos revisores sobre erros cometidos (ver Anexo VII para alguns exemplos), para que no futuro os tivesse em atenção. Algumas dessas correções eram relativas à terminologia e, em alguns casos, à construção frásica. Este último dava-se por seguir demasiado a ordem frásica da língua de partida, resultando em traduções pouco naturais. Observei que este erro ocorria com mais frequência em projetos de pós-edição.

Tal como referido anteriormente, era muito raro receber *feedback* do cliente, porém tal ocorreu algumas vezes. Um cliente em particular efetuava a sua própria revisão e avaliação de alguns projetos de tradução, enviando um ficheiro com o formulário de avaliação e/ou um ficheiro bilingue do projeto com as alterações assinaladas.

O sistema de pós-venda implementado pela empresa significava também que o cliente poderia solicitar a correção das traduções. Tal aconteceu num projeto de tradução de uma certidão de habilitações, o documento tinha sido previamente traduzido de árabe para inglês e depois traduzido de inglês para português. As correções pedidas pelo cliente estavam relacionadas com a transposição incorreta de nomes próprios, visto que estes nomes deviam corresponder aos nomes no seu passaporte, o cliente pediu também a correção dos nomes de algumas unidades curriculares, oferecendo a tradução que seria mais correta.

Era também possível receber *feedback* de clientes através do Workplace, isto ocorria sempre que o gestor de projetos recebia um comentário positivo do cliente e publicava este comentário num grupo do Workplace, juntamente com a referência do projeto e os tradutores que o realizaram.

No Workplace era também fácil expor as minhas dúvidas tanto ao gestor de projetos como às tradutoras da empresa ou a outros colegas. Em duas situações estas dúvidas acabaram por ser transmitidas ao cliente, para que este as pudesse esclarecer.

A primeira situação foi num projeto em que existiam referências a dois cursos de formação do cliente e não era possível encontrar se os nomes dos cursos teriam já sido traduzidos, pelo que foi pedido ao cliente se o nome deveria ser traduzido ou não e, caso já estivesse traduzido para português, se poderia fornecer o nome oficial.

A segunda situação tratava-se de um projeto de tradução de um jogo. Face às escassas instruções do cliente, pus ao gestor de projetos questões relativamente ao título do jogo e se este deveria ser mantido em inglês ou traduzido e se deveria utilizar a 2ª pessoa ou a 3ª pessoa na tradução de “you”. As indicações do cliente relativamente a estas questões foram a de manter o título do jogo em inglês, adicionando uma proposta de tradução entre parênteses, e utilizar a 3ª pessoa nas instruções do jogo.

As minhas dificuldades estavam, em grande parte, relacionadas com a tradução de termos específicos da área dos projetos e, na sua maioria, foram resolvidas através de pesquisa ou perguntando a opinião das tradutoras internas. Durante o estágio tive oportunidade de realizar projetos de várias áreas de conhecimento, porém observei que os projetos em que tinha mais dificuldades foram os projetos da área de *life sciences* e medicina, em parte devido à terminologia. Para resolver estes desafios, um dos recursos que utilizei frequentemente foi a pesquisa de documentos paralelos, utilizando palavras-chave e pesquisando em fontes mais fiáveis, como a Agência Europeia dos Medicamentos (EMA) e o Infarmed. Uma vez que a EMA é uma agência da União Europeia, possui documentos sobre os medicamentos em várias línguas, o que faz com que seja mais fácil pesquisar a tradução de termos e expressões utilizadas neste tipo de textos.

Outra dificuldade encontrada durante o estágio foi a gestão do tempo. Era muito frequente ter vários projetos em mãos ao mesmo tempo e com prazos bastante apertados, o que significou que nem sempre tivesse o tempo que gostaria de ter tido para reler o meu trabalho e corrigir erros, mas também me obrigou várias vezes a ficar até mais tarde a

adiantar projetos. Na minha opinião, o carácter remoto do estágio teve as suas vantagens, nomeadamente ser mais económico e fazer com que não me tivesse de preocupar com as deslocações de casa para a empresa, mas ao mesmo tempo, estar a trabalhar a partir de casa contribuiu para que a linha entre o trabalho e a vida pessoal não fosse tão definida. Por estar a trabalhar em casa, era muito frequente continuar a trabalhar depois do horário de trabalho ou até começar um pouco mais cedo. Este ritmo de trabalho acelerado, quando conjugado com um volume de trabalho elevado que obriga a mais horas de trabalho, é um fator que pode acabar por prejudicar a qualidade da tradução realizada. Fatores estes que serão abordados em maior detalhe no capítulo seguinte deste trabalho.

CAPÍTULO III – QUALIDADE DA TRADUÇÃO

3 A qualidade

O tópico da qualidade foi um com o qual me fui familiarizando durante os seis meses de estágio, em parte pois é um aspecto que os membros da empresa realçaram frequentemente, uma vez que a entidade de acolhimento se orgulha em ser uma empresa de tradução certificada por várias normas de qualidade. Este foco na qualidade e nas normas que a regulam é verificado na formação que todos os estagiários recebem nas primeiras semanas do estágio, entre as quais se incluem cursos de formação criados pela empresa sobre as normas ISO. A própria filosofia adotada pela empresa, “Hoje melhor do que ontem, amanhã melhor do que hoje”, focada na melhoria contínua dos colaboradores e processos, expressa este objetivo de realizar um trabalho de qualidade.

Esta foi exatamente a razão que me motivou a investigar sobre o assunto neste terceiro capítulo, em vez de outros temas como a tradução e a pós-edição, as tarefas que realizei diariamente durante os seis meses de estágio. Por outro lado, o interesse no texto de partida como fator de qualidade e, conseqüentemente, como um tradutor deve proceder quando tem em mãos um texto de partida de má qualidade foi inspirado em grande parte por um projeto específico.

A qualidade é considerada uma questão importante na indústria (Ørsted 2001, p. 443). Numa indústria cada vez mais competitiva e acelerada, é esperado que o tradutor realize o seu trabalho de forma célere, sem nunca descuidar a qualidade da tradução. Para Bittner (2019), a qualidade de uma tradução é importante, visto que esta implica o sucesso (ou insucesso) da comunicação interlingüística; ademais, este autor considera que é apenas possível definir a aceitabilidade de uma tradução através da avaliação de qualidade.

Devido à sua importância, este é um tema investigado por vários autores, como Colina (2015 e 2020), House (2014), Bittner (2011 e 2019), entre outros. Porém, é um tema controverso, causando discrepâncias entre os vários autores. Para Colina (2019), a divergência no conceito de tradução e a natureza subjetiva da qualidade são os fatores que explicam esta ausência de consenso. Este ponto de vista reflete o de House (1997) que propõe que o conceito de qualidade reflete a visão de cada investigador em relação à tradução, logo, estas perspectivas distintas conduzem a conceitos diferentes de qualidade e abordagens diferentes para a avaliar.

3.1 Avaliação de qualidade

Bittner (2019, p. 6) afirma que muitos autores avaliam a qualidade de uma tradução através de três parâmetros: aceitabilidade, adequação e otimização. Neste contexto, aceitabilidade diz respeito a quem utilizará a tradução e a avaliará. A adequação é definida pela equivalência entre o texto de partida e o texto de chegada. Por outro lado, a otimização está relacionada com o processo de tradução em si.

Nesta secção serão exploradas as abordagens de avaliação de qualidade de quatro autores diferentes. Em primeiro lugar será explorado o modelo baseado na equivalência de Juliane House, seguido pelo modelo focado na estrutura do argumento de Malcolm Williams. Depois, será apresentado o modelo funcionalista-componencial de Sonia Colina e, por último, o modelo de Brian Mossop.

3.1.1 Modelo de Julianne House

A abordagem de House baseia-se na noção de “equivalência” – noção esta que, para a autora, é a mais importante na tradução, definindo-a como a substituição de um texto na língua de partida, por um texto semântica e pragmaticamente equivalente na língua de chegada (House, 2014, p. 248). Estabelece-se assim uma “relação de equivalência” entre o texto de partida e de chegada, na qual a tradução encontra-se limitada pelo texto original e pelas condições comunicativas da cultura de chegada.

O primeiro requisito para a esta noção de equivalência é a função, sendo que o texto de chegada deve ter uma função equivalente ao texto de partida. Este conceito é definido pela autora como a aplicação do texto num contexto específico de uma situação (House, 2014, p. 249). Halliday explica que este contexto da situação se insere no texto através de uma relação sistemática entre o ambiente social e a organização funcional da língua (*apud* House, 2014, p. 249).

Para analisar a situação de cada texto de forma adequada, House sugere algumas dimensões situacionais, organizando-as em dimensões do utilizador da língua (origem temporal, geográfica e social) e dimensões do uso da língua (meio, participação, relação do papel social, atitude social, tema do texto). Na revisão do seu modelo, House altera um pouco as categorias para a análise dos textos, utilizando os conceitos de Campo (*Field*), Teor (*Tenor*), Modo (*Mode*) e, por último, Género (*Genre*), como é possível observar na figura infra.

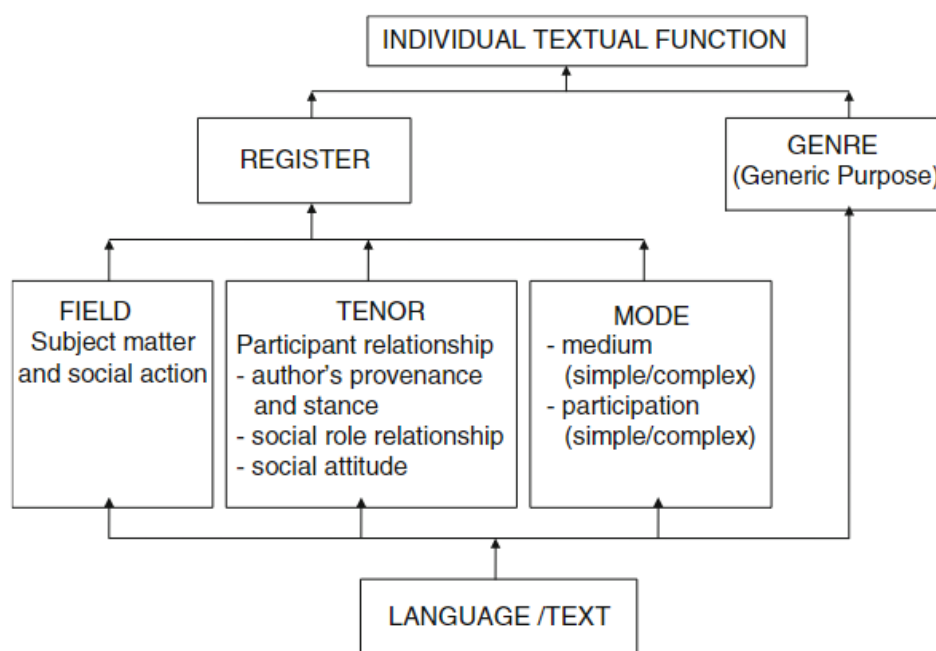


Figura 8 Esquema para a avaliação das traduções. Fonte: House (2014)

A avaliação da qualidade da tradução segundo o modelo de House passa pela análise dos textos de partida e chegada segundo as categorias de campo, teor, modo e género, seguida da comparação dos resultados e, por último, a avaliação do grau de equivalência entre os dois textos. Para House, um erro consiste numa falha no estabelecimento da equivalência entre os textos. Ademais, a autora distingue entre dois tipos de erros: erros manifestos (*overt errors*) e erros velados (*covert errors*). Os primeiros resultam de uma discordância denotativa dos significados dos elementos do texto de partida e de chegada, já os erros velados resultam de uma discordância funcional ou dimensional.

House distingue ainda entre dois tipos de traduções: a tradução manifesta (*overt translation*) e a tradução velada (*covert translation*). Uma tradução manifesta tem como objetivo permitir que o leitor tenha acesso ao texto no seu contexto linguístico e cultural original, mas a partir de uma língua diferente. Por outro lado, a tradução velada pretende

ser um equivalente funcional do texto de partida, podendo até ser considerado como um texto original na cultura de chegada. House explica estes conceitos de forma mais detalhada:

in an overt case, the translator has to make, as it were, as few changes as possible, and will be held openly accountable for the degree of success with which this is achieved; in a covert translation, the translator is implicitly licensed to make as many substantive changes as necessary, and in fact is only likely to be “caught out” and held accountable in the case that not enough change was wrought, such that the resultant text is in fact perceived to be a translation. (House 1997, p. 164)

Por outras palavras, uma tradução manifesta permite que o leitor da tradução aceda ao texto a partir de um ponto de vista “exterior”, assim, o trabalho do tradutor é visível. O mesmo não acontece nas traduções veladas, estas traduções são realizadas de modo a serem lidas como originais, logo, o trabalho do tradutor deve ser menos visível ou até invisível.

É no caso das traduções veladas que House introduz o conceito de “filtro cultural” como a forma de capturar as diferenças socioculturais nas normas de expectativa e convenções estilísticas entre as comunidades linguístico-culturais de partida e chegada (House, 2014, p. 255). Este filtro deve apenas ser utilizado para obter uma reação no leitor da tradução semelhante à de um leitor do texto original. Ainda assim, House reconhece que as diferenças culturais devem ser examinadas cuidadosamente antes da aplicação do filtro cultural.

Além de distinguir entre traduções manifestas e veladas, House distingue também entre traduções e versões, das quais existem também dois tipos: versões manifestas e veladas. As versões manifestas ocorrem quando é dada uma função especial à tradução, por exemplo versões do texto produzidas para um público específico, como edições especiais para um público mais novo (*ibidem*, p. 256). A versão velada ocorre quando o tradutor aplica o filtro cultural quando este não é necessário.

A autora menciona também a avaliação das traduções através da equivalência na resposta dos leitores. Segundo a autora, da mesma forma que o texto original pode provocar respostas diferentes em determinados grupos, uma diferença na reação do público do texto de chegada pode ser justificada por um grau de familiaridade diferente sobre o tema do texto. Logo, se o público da tradução não tiver o mesmo nível de conhecimento que o público do original, terão uma resposta completamente distinta. Esta diferença na resposta

não implica automaticamente uma tradução de qualidade inferior. Colina (2019) aponta que este modelo de avaliação ignora a finalidade da tradução, um aspeto que pode implicar uma resposta diferente.

3.1.2 Modelo de Malcolm Williams

Williams (2004) procura desenvolver um quadro de avaliação da tradução centrado na tradução instrumental. Segundo este autor, como um texto é um conjunto de argumentos, possuiu uma macroestrutura do argumento que deve ser preservado na tradução:

every instrumental source text contains an argument macrostructure and that it is this structure that the translator must preserve in the target text. This does not mean that other textual features and functions are not present and are not important. What it does mean is that preserving the argument macrostructure is the overriding consideration for TQA³. (Williams, 2009, p. 11)

Williams (2009, p. 12) identifica ainda os dois elementos que compõem a estrutura de qualquer argumento – a afirmação (“claim”), isto é, a questão principal do argumento, e a razão (“grounds”), ou seja, a informação que suporta a afirmação.

Na abordagem de Williams, um aspeto fundamental é a análise e comparação das estruturas do argumento. Depois desta análise, tanto do texto de partida como do de chegada, deve-se proceder à quantificação dos resultados. Nesse sentido, Williams utiliza uma escala de avaliação que distingue entre erros críticos, graves e pouco graves. Segundo esta escala,

- defects impairing translation of the argument macrostructure will be characterized as critical;
- other transfer defects conventionally considered major (contresens, charabia, etc.) will be characterized as major but will be deemed not to render the translation unusable;
- other transfer defects will be characterized as minor. (Williams, 2009, p. 13)

Assim é possível chegar-se à conclusão que, segundo este modelo, uma tradução de qualidade preserva a estrutura do argumento; quando tal não se observa, a tradução é considerada como falhada.

Segundo Bittner (2019), este modelo de avaliação alcança uma “subjetividade controlada”, ajudando a reduzir a subjetividade inerente à avaliação da qualidade. Como este modelo se centra na estrutura do argumento, afastando o foco das frases/palavras individuais, fornece um denominador comum aos avaliadores da tradução sobre o qual é

³ TQA – Translation quality assessment

mais provável que concordem. Ademais, a forma de avaliação de erros proposta por Williams ajuda também a reduzir o impacto da subjetividade presente em outras abordagens de avaliação de erros.

Na sua obra, Bittner (2019) apresenta também críticas à abordagem de Williams, entre as quais a de House. A autora afirma que esta abordagem assume a universalidade da estrutura do argumento, o que ignora o contexto e a cultura aos quais o texto está vinculado. Desse modo, o modelo de Williams não considera que diferenças entre as culturas de partida e chegada possam obrigar à modificação do argumento. Colina (2019) afirma também que uma vez que não é possível generalizar este método a todos os tipos de textos, a sua aplicação é limitada.

3.1.3 Modelo de Sonia Colina

No seu artigo Translation Quality Evaluation (2008), Colina elenca vários elementos que considera fundamentais para a investigação no tema da avaliação da qualidade da tradução:

- theoretical models and proposals that are verifiable and that pose clear research questions and hypotheses;
- theoretically and/or empirically based assessment tools, with clearly stated assumptions about theoretical or empirical foundations;
- evaluation proposals/tools that clearly state their purpose and limits;
- models/proposals that recognize many aspects of quality (componential) (Colina, 2008, p. 103)

Com base nestes elementos, Colina propõe uma abordagem de avaliação que pretende resolver algumas limitações de modelos anteriores, entre os quais: ser baseado na teoria funcionalista e em modelos textuais de traduções, incluir hipóteses que possam ser testadas, indicar claramente o seu objetivo e, em último lugar, ser componencial.

A autora designa esta abordagem de funcional-componencial. É uma abordagem funcional por se basear em teorias funcionalistas, das quais refere as de Holz-Mänttari (1984), Reiss e Vermeer (1984) e Nord (1997). Segundo estas teorias, a tradução deve ser avaliada de acordo com as suas especificações, ou seja, com base na sua função, finalidade e quaisquer instruções fornecidas pelo cliente. Já o fator componencial desta abordagem passa pela inclusão de quatro categorias de avaliação: a forma linguística (ortografia, gramática, léxico, entre outros), a adequação funcional, o significado e o conteúdo especializado.

Desta forma, o modelo de Colina adota uma noção de qualidade que é definida pelo cliente, na qual este pode decidir os aspetos mais importantes consoante a finalidade (Colina, 2019).

3.1.4 Modelo de Brian Mossop

Mossop (2014) adota a definição de qualidade presente na norma ISO 9000, na qual a qualidade é considerada como o grau no qual as características inerentes de um objeto cumprem um conjunto de requisitos explícitos ou implícitos (*ibidem*, p. 6), adiciona também que uma tradução de qualidade é uma tradução que foi revista.

O autor reconhece a subjetividade da qualidade, afirmando que a qualidade de uma tradução é relativa às necessidades. A qualidade absoluta não existe, pelo que cada projeto terá critérios de qualidade diferentes dependendo da necessidade do texto específico. São frequentemente reconhecidos vários graus de qualidade, mais frequentemente distingue-se a qualidade da informação (um documento que será lido por um número reduzido de pessoas, cuja função é meramente informativa e que será descartado mais tarde) e a qualidade de publicação (um documento que será lido por um número elevado de pessoas, durante um longo período).

A necessidade implícita mais importante na tradução é a precisão. Esta é uma necessidade implícita, visto que é algo que o cliente assume que estará presente na tradução, mesmo que não o peça explicitamente. Outra necessidade implícita identificada pelo autor é a comunicação bem-sucedida da mensagem do texto aos leitores da tradução.

Mossop identifica também três conceitos para a avaliação da qualidade de um texto traduzido. O primeiro conceito assume que uma tradução de qualidade implica a satisfação do cliente, cumprindo os requisitos estabelecidos pelo mesmo. Segundo Mossop (2014), este é um conceito de qualidade geralmente satisfatório. Contudo, se levado ao extremo, pode tornar-se eticamente questionável:

An extreme version of such agreements would see quality as being achieved if the benefits to client and provider in terms of price, revenues and repeat business outweigh the cost of production. (Mossop, 2014, p. 8)

Um exemplo fornecido por Mossop é o de o cliente incluir nas instruções que quaisquer correspondências a 100% na memória de tradução devem ser aceites sem necessidade de qualquer verificação. Neste caso os custos de produção são mais reduzidos, visto que o tradutor tem menos segmentos que necessitam de verificação, porém não é possível

assegurar que tais segmentos estejam bem traduzidos. Por essa razão, pode ser levantado um risco inaceitável à precisão e qualidade linguística (*ibidem*, p. 8).

O segundo conceito aceita que a qualidade implica a proteção e promoção da língua de chegada. Este conceito de qualidade é encontrado em muitas comunidades cujo objetivo é promover a utilização de uma língua minoritária, de forma a contrariar os efeitos de uma língua estrangeira ou majoritária dominante (*ibidem*, p. 8). Nesta abordagem é dada prioridade à forma como o texto de chegada está escrito e não à sua correspondência/equivalência ao texto de partida.

Por outro lado, o terceiro conceito aceita que uma tradução tem qualidade aceitável quando é “fit for purpose”, isto é, quando se adequa à sua finalidade. Neste caso, a prioridade do revisor passa por assegurar que a tradução se adequa ao seu público, sendo que apenas deve intervir no texto de chegada com o objetivo de assegurar a sua adequação. Segundo Mossop (2014, p. 8), esta é a noção de qualidade apoiada pela norma ISO 17100: “The reviser shall examine the [translation]... for its suitability for purpose”. Este acaba por ser o conceito de qualidade que Mossop adota no seu livro *Revising and Editing for Translators*.

3.2 Normas de qualidade

Como é possível concluir com a secção anterior, a qualidade e a sua avaliação são tópicos amplamente investigados na área dos Estudos de Tradução. Este é um tema para o qual não existe um consenso universal e, ao longo dos anos, vários autores ofereceram perspectivas distintas sobre como abordar este problema. Existe então alguma forma objetiva para garantir a qualidade da tradução? Schnierer (2020) argumenta que a utilização de normas de qualidade em vigor será uma forma de garantir a qualidade da tradução.

Sendo a qualidade um conceito tão controverso, é necessário ter um entendimento objetivo sobre o que significa a qualidade para um projeto específico (Calvo, 2018). Nesse sentido, as normas de qualidade reconhecem que os requisitos de qualidade variam, estando dependentes das especificações e finalidade dos projetos.

Criadas como resposta à industrialização e, mais tarde, à globalização do comércio e serviços, as normas de qualidade procuram fornecer referências reconhecidas internacionalmente com o objetivo de uniformizar os produtos e serviços nos vários

mercados nacionais e internacionais, encorajando a competição justa. A evolução da indústria dos serviços linguísticos fomentou a criação de normas, com o intuito de uniformizar a prestação destes serviços. Calvo (2018, p. 28), fazendo referência a Arevalillo (2015), aponta para a norma EN 15038 como a primeira norma de tradução abrangente de natureza tecnológica e contemporânea para regular os serviços de tradução. Contudo, apesar de ser a primeira norma mais abrangente com o objetivo de regular os serviços de tradução, a norma EN 15038 e a sua sucessora ISO 171000 tomam inspiração nas normas anteriores, entre as quais as normas UNI 10547, DIN 2345 e ÖNORM 1200 e 1201.

Segue-se uma breve introdução às normas de qualidades anteriormente referidas, com o objetivo de se observar a evolução das mesmas ao longo dos anos.⁴

A primeira norma de qualidade na Europa, a norma italiana UNI 10547, surge em 1996, e abrange os serviços de tradução e interpretação, identificando também três fases da prestação dos serviços: planeamento do serviço e preparação do contrato, realização do serviço e, por último, controlo de qualidade. Apesar de mencionar a necessidade de uma fase de controlo de qualidade, a norma não especifica como esta fase deve ser implementada, ainda assim, faz referência a normas relacionadas com o controlo de qualidade, como a norma UNI EN ISO 8402 e UNI EN 29004-2. Esta norma faz também referência às qualificações necessárias dos profissionais, devendo estes possuir uma licenciatura ou diploma em tradução e interpretação ou provas documentadas de experiência profissional na área.

Em 1998, surge a norma alemã DIN 2345. Ao contrário da norma UNI 10547, esta foca-se apenas na tradução e, mais especificamente, nos contratos de prestação destes serviços e procedimentos a utilizar. Esta norma refere também as qualificações necessárias: o tradutor deve possuir uma licenciatura ou equivalente em Tradução, Línguas Estrangeiras ou um curso técnico, desde que demonstre competências tradutivas ou experiência profissional documentada, competências nas áreas relevantes e formação. O cliente tem a responsabilidade de fornecer detalhes como a finalidade e público do texto, bem como fornecer quaisquer especificações ou materiais de referência relevantes. Tem também o dever de clarificar erros no texto de partida ou outras questões levantadas pelos tradutores.

⁴ A análise das normas de qualidade apresentada neste capítulo tem por base o artigo Translation quality standards in Europe: An overview (2006) de Pastor.

Relativamente ao controlo de qualidade, esta norma refere que se deve verificar se a tradução cumpre as especificações estipuladas, bem como verificar a sua correção a nível técnico e terminológico.

As normas austríacas ÖNORM D 1200 e 1201, ambas publicadas em 2000, tratam dos serviços de tradução e dos requisitos para a sua prestação por tradutores individuais ou empresas de tradução, bem como dos respetivos contratos de tradução. Ao contrário das normas anteriores, as qualificações necessárias incluem apenas competências translacionais, linguísticas e textuais, de pesquisa e documentação, culturais e técnicas, não fazendo referência à necessidade de formação académica na área da tradução ou de experiência profissional documentada. Nestas normas, o cliente mantém a responsabilidade de fornecer documentação e informação relevantes, sendo também responsabilizado por erros no texto de partida. A norma ÖNORM D 1200 faz referência ao controlo de qualidade, porém este reduz-se ao cumprimento das especificações do projeto e à verificação de que a tradução é completa e coerente.

Em 2006, o CEN (Centre Européen de Normalisation) publica a norma EN 15038, baseada nas normas que a precedem. A norma aborda os recursos humanos e tecnológicos, competências profissionais e gestão de projetos. Relativamente às competências profissionais, o tradutor deve possuir uma licenciatura em tradução, uma licenciatura em outra área e dois anos de experiência profissional em tradução documentada ou cinco anos de experiência profissional documentada. Esta norma define também a relação entre o prestador de serviços e o cliente, referindo-se em específico à orçamentação, contratos, confidencialidade, entre outros. Em respeito à questão da qualidade, a norma refere que o prestador de serviços deve utilizar um modelo de avaliação da qualidade, contudo sem fazer referência ao modelo que este deve utilizar. Nos anexos desta norma estão também incluídas informações em relação a detalhes de registo do projeto, processamento da pré-tradução técnica, análise do texto de partida, guia de estilo e também serviços de valor acrescentado (p. ex: pré e pós-edição de tradução automática, legendagem, adaptação, transcrição, entre outros). Esta norma é também a primeira a identificar a revisão como um passo obrigatório no processo de tradução, especificando ainda que este passo não pode ser realizado pelo tradutor, mas sim por outro tradutor. Em 2015, a norma EN 15038 é substituída pela ISO 17100, que mantém os requisitos principais da sua predecessora, apenas reestruturando e expandindo algumas das informações (Schnierer, 2020). A norma ISO 17100 abrange apenas os

projetos de tradução, tendo sido criada a norma ISO 18587 (2017) para regular a prestação de serviços de pós-edição de tradução automática.

É necessário realçar o facto de que as normas de qualidade são apenas recomendações de cariz facultativo (Schnierer, 2020, p. 113), sendo que quando um prestador de serviços obtém a certificação dos serviços por uma norma de qualidade, este compromete-se a agir consoante e cumprir os requisitos expostos pela mesma. De acordo com Schnierer, a certificação tem três vantagens: cria confiança e garante a qualidade dos produtos e/ou serviços oferecidos, fornece uma vantagem em termos de competitividade para a empresa/profissional certificado e, por último, contribui para a entrada em novos mercados.

Segundo Calvo (2018), o facto de as normas de qualidade se afastarem do foco na tradução como produto, focando-se então na tradução como um processo, faz com que as normas de qualidade se aproximem das teorias funcionalistas de avaliação de qualidade. Baseando-se no trabalho de autores como Reiss, Vermeer e Nord, a autora apresenta um pequeno resumo de premissas das teorias funcionalistas, das quais destaco o princípio da funcionalidade. Todos os projetos de tradução têm uma finalidade (ou *skopos*), finalidade esta que pode ser definida pelo cliente através do *brief* de tradução ou de instruções e que determina as estratégias e decisões tradutivas. Mossop (2014, p. 8) refere também no seu modelo que, segundo a norma ISO 17100, uma tradução é considerada aceitável quando esta se adequa à finalidade estabelecida para o projeto. Para Calvo (2018, p. 29), este aspeto é ainda demonstrado pela inclusão de uma etapa de controlo de qualidade na mesma norma. Durante este processo de controlo de qualidade, verifica-se se a tradução satisfaz os critérios estabelecidos pelo cliente

3.3 Fatores da qualidade

A tradução não é uma atividade que se realiza no vazio, mas é influenciada por vários fatores externos que, por sua vez, podem afetar a qualidade do produto final.

Tendo isto em mente, Bittner (2019) apresenta o seu esquema, ao qual deu o nome de *translator's daffodil* (Figura 9) e que pode ser utilizado como uma ferramenta útil para a avaliação de qualidade da tradução, mas também para perceber e examinar os vários fatores que podem afetar a sua qualidade.

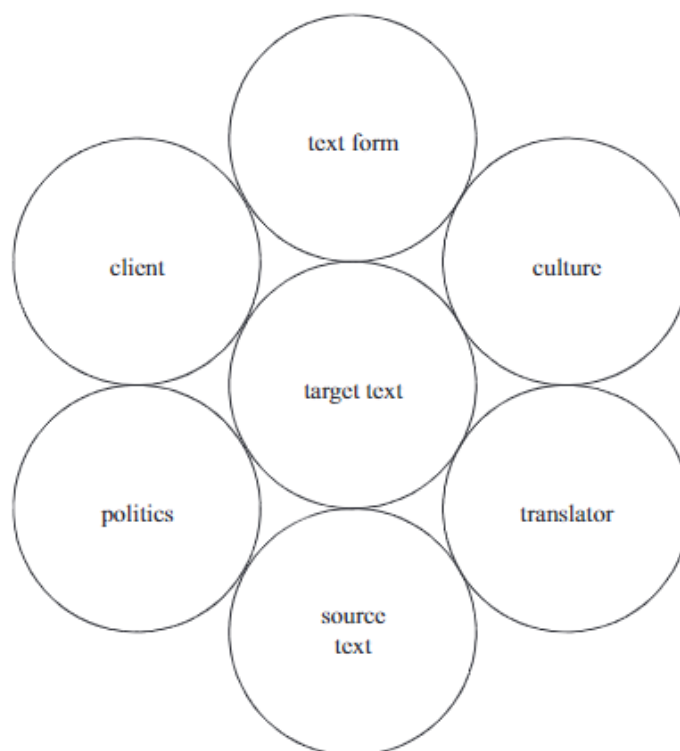


Figura 9 *Translator's daffodil*. Fonte: Bittner (2019)

Bittner introduziu o conceito do *translator's daffodil* pela primeira vez no seu artigo *The Quality of Translation in Subtitling* (2011), aplicando-o à legendagem. O seu nome advém da sua semelhança a uma flor com seis pétalas, na qual o texto de chegada é colocado no centro, rodeado por seis círculos que representam os fatores que o influenciam e que o tradutor deve ter em conta durante a tradução. Estes fatores estabelecem relações entre si, podendo influenciar-se mutuamente. Os seis fatores considerados pelo autor são: a forma textual, a cultura, o cliente, a política, o tradutor e, em último lugar, o texto de partida.

Apesar de Bittner considerar que todos estes fatores influenciam a qualidade da tradução, não considera que todos sejam relevantes para a avaliação da qualidade. Para o autor, um fator é relevante para a avaliação de qualidade quando está relacionado com a utilização da tradução. Por exemplo, quando o tradutor tem de realizar uma tradução dentro de um prazo curto, este pode ver-se obrigado a não efetuar a verificação ou QA do seu trabalho devido à falta de tempo, consequentemente, o produto final pode ser de menor qualidade.

Porém, segundo a distinção de Bittner, apesar de o prazo de entrega influenciar a qualidade da tradução, este não seria um critério considerado durante a avaliação de qualidade. Por outro lado, o autor considera que se a entrega da tradução dentro desse prazo for essencial para a utilização da tradução, este passa a ser um critério relevante para a avaliação da qualidade.

Relativamente ao grupo de fatores de qualidade, a forma textual diz respeito ao tipo e género do texto, englobando também elementos linguísticos como sílabas, fonemas, morfemas e letras no texto de partida e chegada. Bittner inclui também a sintaxe e terminologia nesta categoria.

Ainda abordando a categoria da forma textual, o autor reconhece também que o tipo de texto ou o seu género determinam a forma como o texto será traduzido e as estratégias utilizadas pelo tradutor. Por exemplo, um romance e um manual de instruções implicam estratégias de tradução diferentes. No caso do romance, o tradutor deve ter em conta o estilo do autor e fazer os possíveis para que este seja mantido na tradução. A tradução literária pode também implicar um maior nível de liberdade na tradução. Na tradução de um manual de instruções, por outro lado, o tradutor tem menos liberdade na tradução, a sua prioridade deve ser manter-se fiel às informações presentes no texto de partida. Contudo, deve evitar formulações ambíguas, de modo a garantir que o leitor não terá dificuldades em compreender as instruções.

Neste esquema, o papel de cliente refere-se à pessoa que encomenda a tradução. Nesta categoria estão englobados os aspetos que o cliente pode estipular, como o prazo de entrega, glossários e/ou terminologia específica partilhados pelo cliente, bem como outras especificações e condições estabelecidas.

Bittner (2019) considera que o papel do cliente pode ser mais complexo, nomeadamente quando uma empresa de tradução está envolvida. Nestes casos, acredita que passam a existir dois clientes diferentes, o primeiro é quem encomenda a tradução à empresa de tradução e o segundo a própria empresa que, por sua vez, encomenda a tradução a um tradutor. Os fatores de qualidade relacionados com o cliente, como o prazo, podem também ser exacerbados nesta situação, sendo que além do prazo de entrega estabelecido pelo cliente, a empresa de tradução frequentemente realiza uma verificação da tradução antes da entrega e, sendo assim, o prazo de trabalho para o tradutor pode tornar-se ainda mais curto. O prazo de entrega desempenha um papel fulcral na qualidade do texto de

chegada, visto que quando o tradutor se vê obrigado a apressar o seu trabalho, é mais provável cometer erros que podem não chegar a ser corrigidos antes da entrega se não tiver tempo para realizar o QA do seu trabalho.

Na categoria do tradutor, o autor reúne os fatores relacionados com o tradutor e com a tarefa de tradução em si. Para o primeiro são consideradas as qualidades e competências pessoais, isto é, a competência tradutiva, motivação e as qualificações do tradutor. Já para o segundo, considera-se as ferramentas utilizadas, sejam estas ferramentas TAC, memórias de tradução, gestores de terminologia, ferramentas de tradução automática ou até verificadores ortográficos e de gramática.

A categoria de cultura abrange as normas culturais e experiências sociolinguísticas e como estas podem influenciar a linguagem utilizada no texto de chegada e partida. Este é algo que influencia não só o texto de chegada, visto que o trabalho do autor do texto de partida é afetado pelas suas influências culturais.

Bittner (2019) descreve a tradução como um ato político, citando Álvarez e Vidal (1996) que consideram que existe sempre um desequilíbrio de poder entre as duas culturas. Estes autores consideram também que o tradutor está limitado por várias ideologias – a sua, a que é esperada de si, a do público-alvo da tradução, entre outras. Deste modo, a definição de política como fator da qualidade de Bittner (2019) não se trata da estrutura política. Em vez disso, foca-se nas relações de poder entre os intervenientes e também na censura.

Um exemplo de relação de poder disponibilizado pelo autor é a que se estabelece entre o cliente e o tradutor, pois esta é frequentemente determinada pela lei da oferta e da procura. O cliente pode assumir uma posição de maior poder quando existem vários tradutores disponíveis para o mesmo projeto de tradução, por outro lado, quando a oferta é escassa, os papéis invertem-se. O autor considera também que é pouco provável que um tradutor rejeite um projeto, quer por o prazo de entrega ser curto, o pagamento reduzido ou até o assunto ser algo com o qual o tradutor não se sente confortável, uma vez que necessita de trabalhar para ganhar dinheiro.

O tradutor pode ainda deparar-se com restrições na sua tradução tanto motivadas pela sua própria ideologia, como estipuladas pelo cliente, isto é, pode deparar-se com a censura. Na tradução, a censura traduz-se na alteração intencional do conteúdo do texto de partida ou, em casos mais extremos, na proibição total.

3.3.1 O texto de partida

O texto de partida é o sexto e último fator identificado no *translator's daffodil* de Bittner (2019). O autor considera este fator assume um papel central no processo de tradução, visto que qualquer tradução é baseada em pelo menos um texto de partida. Logo, sem um texto de partida, a tradução não poderia existir. Apesar de ser um aspeto essencial para a tradução, a avaliação de qualidade usualmente considera apenas a qualidade do texto de chegada, enquanto a qualidade do texto de partida é tida como garantida (Molnár, 2013, p. 59). Como consequência da falta de monitorização dos textos de partida, muitos são de má qualidade ou difíceis de compreender.

Na sua exploração dos fatores que afetam a qualidade relacionados com o texto de partida, Bittner recorre à análise do texto proposta por Nord (2005), que separa os fatores em duas categorias: fatores extratextuais e intertextuais. Nos fatores extratextuais, o autor inclui o autor do texto, as intenções do autor, o meio, o público, o local e época e a função do texto. Por outro lado, nos fatores intratextuais aborda o assunto, o conteúdo do texto e os defeitos existentes. Bittner considera ainda o par linguístico como um fator de qualidade relacionado com o texto de partida, justificando-o com a afirmação de que a tradução de um texto entre duas línguas distantes será mais difícil do que a tradução entre línguas mais próximas, uma vez que o tradutor deverá colmatar a lacuna entre os dois sistemas gramaticais e culturais.

Neste trabalho, o foco será nos aspetos que podem contribuir para a qualidade do texto de partida e, conseqüentemente, condicionar a qualidade da tradução, isto é, o que Bittner designa por defeitos do texto de partida. Bittner tem uma visão simples do que são os defeitos do texto, considerando apenas erros factuais, terminológicos e estilísticos como defeitos. Na sua perspetiva, os erros gramaticais e ortográficos apenas são considerados defeitos caso modifiquem o significado do conteúdo.

Molnár (2013), por outro lado, apresenta uma lista mais completa de possíveis defeitos ou falhas que o tradutor pode encontrar no texto de partida. Estes são:

- factual correctness of the textual content;
- incomprehension or ambiguity;
- coherence;
- cohesion;
- terminology (use of incorrect terminology, inconsistent terminology, non-standard usage of standard terminology, unsuitability in a given domain, etc.);

- incompleteness (missing information, etc.);
- grammar mistakes (non-grammatical usage, typos, etc.);
- stylistics (failure to adhere to established style guidelines, informal register, overuse of jargon, inappropriate use of metaphorical language, etc.);
- spelling, punctuation (none or double space, etc.);
- defects in orthography, typography or formatting (inconsistency, ad hoc formats, page layout etc.);
- source file problems (cf. Dunne 2006);
- file structure and content that does not reflect the logical structure of the component(s), but rather the chronological history of development work);
- HTML embedded in XML;
- the use of competing orthographic rules and standards during authoring of source files. (Molnár, 2013, p. 64-65)

Apesar de os listar todos como defeitos do texto de partida, o autor não considera que todos tenham a mesma gravidade, distinguindo entre erros fáceis de corrigir e erros mais difíceis de corrigir. Na primeira categoria, encontram-se as gralhas, erros de pontuação, erros gramaticais e ortográficos, estes são erros que não influenciam a compreensão do conteúdo do texto de partida. É esperado que um tradutor consiga lidar com estes erros facilmente, apesar de que este tipo de erros pode prejudicar o desempenho da tradução automática, caso o texto seja destinado a uma pós-edição (Kubánek, 2013, p. 98). Por outro lado, o segundo tipo de erros influencia a compreensão do texto. Neste tipo de erros, Molnár inclui o conteúdo ambíguo e/ou incoerente, entre outros. Segundo a investigação de Kubánek (2013) que se foca no fluxo de trabalho de empresas de tradução no que diz respeito à qualidade do texto de partida, este tipo de defeitos têm a maior probabilidade de afetar a qualidade da tradução e de resultar na necessidade de o tradutor contactar a empresa de tradução e/ou o cliente para clarificar as suas dúvidas. Esta investigação aponta também que os problemas de terminologia são os mais abordados pelos tradutores.

Mossop (1995) oferece seis possíveis causas para textos difíceis de interpretar ou, como designa, “mal escritos”:

1. problemas originados durante a produção do texto (p. ex.: erros com funções do processador de texto, erros de digitação, o autor ter-se esquecido de efetuar alterações necessárias depois de reformular uma frase, etc.);
2. o autor não ser falante nativo da língua em que escreve;
3. falhas de conhecimento por parte do autor ou erros linguísticos;
4. o autor escrever num estilo ou género que não domina;
5. a utilização de expressões ou terminologia específica que o público-alvo não entenderia;

6. o autor escrever da mesma forma como fala.

Em conformidade com o ponto 4 mencionado por Mossop, Molnár (2013) aponta a falta de formação em escrita profissional como uma possível causa para textos mal escritos. Este autor adiciona também os textos de partida que por si já são traduções como outra causa. Aliás, uma das empresas consultadas por Kubánek (2013, p. 100) considera que este tipo de textos de partida apresenta frequentemente vários dos tipos de defeitos mencionados anteriormente. Kubánek teoriza também que esta prática será cada vez mais frequente, visto que tende a ser mais barato traduzir-se um texto para uma “língua pivot”, frequentemente o inglês, tradução esta que será utilizada como texto de partida para as restantes traduções.

Devido à crescente tendência de textos de partida de má qualidade serem submetidos para tradução, Molnár sugere a realização de uma análise rigorosa do texto de partida e do seu conteúdo. Esta análise tem como objetivo identificar todos os defeitos do texto de partida e prepará-lo para a tradução.

Além desta análise, o autor propõe ainda uma avaliação da tradutibilidade, baseado no trabalho de Gouadec (2007) e Nord (2005). Esta serviria como uma etapa de controlo de qualidade à montante, de forma a garantir que o texto de partida é traduzível e não possui erros que possam afetar a qualidade da tradução. Durante esta avaliação devem ser identificados erros e interferências presentes no texto de partida, apontar questões que deverão ser encaminhadas ao cliente ou ao autor do texto para clarificação e identificar expressões ou terminologia que necessitarão de atenção especial por parte do tradutor.

Através da análise do texto de partida e da avaliação da sua tradutibilidade, o tradutor poderá ter plena consciência do texto que tem em mãos e, se necessário, poderá negociar condições mais justas, tanto em termos de tempo, como de preço pelos seus serviços. Kubánek (2013) apresenta-se de acordo com este ajuste de condições de trabalho, justificando que uma vez que o processo de tradução é dificultado por um texto de partida com defeitos e, conseqüentemente, obriga à utilização de mais recursos e esforço por parte do tradutor, o preço e prazo devem refletir estes aspetos.

Com a identificação dos erros ou ambigüidades do texto antes de dar início à tradução, o tradutor pode clarificar as suas questões relativas ao conteúdo do texto com mais facilidade e tempo. Ainda assim, Molnár defende que em casos em que os defeitos do texto são demasiado graves, o tradutor deve recusar o projeto.

Com textos de partida com defeitos, põe-se também a questão de como deve o tradutor realizar o seu trabalho. Isto é, se o tradutor deve produzir uma tradução de qualidade idêntica ao original ou se tem a responsabilidade de o melhorar. Põe-se ainda a pergunta de se o tradutor tem o “direito” de melhorar um texto que não é seu.

Bittner (2019) defende que o tradutor deve produzir um texto de chegada de qualidade equivalente à do original, porém, no caso de o original possuir defeitos, a qualidade deve ser superior. Afirma ainda que o tradutor tem a responsabilidade de corrigir certos erros, como por exemplo datas incorretas, de forma a passar a mensagem correta.

Molnár (2013) assume uma posição idêntica, tomando as palavras de McAlester (1999) afirma que o tradutor, como profissional, não se deve limitar a seguir o princípio de *garbage in, garbage out*, no qual o texto de chegada é de má qualidade, tal como o texto de partida. Assim, o tradutor pode criar um texto que exhibe discrepâncias quando comparado com o original, desde que estas melhorem a qualidade do texto.

Newmark (*apud* Molnár, 2013, p. 71) estabelece uma distinção entre textos nos quais o tradutor não deve melhorar o conteúdo (textos de autoridade) e textos em que pode efetuar correções e melhorias, desde que sejam justificadas pela existência de defeitos no texto original (textos informativos ou instrumentais). Algumas dessas melhorias podem verificar-se ao nível da normalização do idioleto, clarificações de ambiguidades, eliminação de redundâncias, correção de erros referenciais, gramaticais, gralhas, entre outros. Para este autor, o tradutor deve também trabalhar sob um código de ética e deve exercer cautela quando se depara com propaganda de cariz racista, classista, religioso, sexista, etc., utilizando as notas de rodapé para realçar os preconceitos presentes no conteúdo.

3.3.1.1 Opinião de profissionais

Os autores analisados na secção anterior deste trabalho são da opinião que, quando deparado com um texto de partida de qualidade inferior, o tradutor não só deve, como tem a responsabilidade de produzir uma tradução de qualidade superior ao original. Assim, os defeitos do texto de partida não devem ser transpostos para o texto de chegada.

Porém, interessa explorar a opinião de profissionais, para saber se estes concordam com o que dita a teoria e o que fazem quando se encontram nesta situação.

Para o fazer, procurei encontrar publicações de tradutores sobre o tópico, mais especificamente publicações em fóruns, uma vez que neles é possível encontrar opiniões mais variadas e, geralmente, estes tópicos geram alguma discussão. Os tópicos⁵ utilizados para esta análise foram publicados no website Proz, uma plataforma direcionada a tradutores freelance e empresas de tradução, e podem ser consultados também no Anexo VIII. Estes tópicos de fórum foram publicados em alturas diferentes, sendo o mais antigo datado de 2004 e o mais recente de 2019.

No total estes quatro tópicos de fórum geraram 67 respostas, porém para os efeitos da análise pretendida, nem todas as respostas serão consideradas. Tal acontece devido ao facto de que algumas respostas não respondem à pergunta “Como lidar com um texto de partida de má qualidade/mal escrito?”, propondo as suas próprias perguntas, simplesmente partilhando que já se encontraram este tipo de textos ou respondendo a outros comentários.

Para uma primeira análise das respostas extraídas destes fóruns, foi gerada uma nuvem de palavras (apresentada infra). Esta nuvem de palavras permite uma visualização das palavras-chave ou expressões mais repetidas nestes fóruns. As palavras repetidas mais frequentemente são apresentadas com um tamanho maior, por outro lado, as palavras com menos repetições apresentam um tipo de letra mais pequeno. Para esta nuvem de palavras foram consideradas 40 palavras e/ou expressões.

⁵ Os tópicos de fórum utilizados para esta secção são os seguintes:

1. https://www.proz.com/forum/translation_theory_and_practice/329057-bad_source_text.html
2. https://www.proz.com/forum/translation_theory_and_practice/334384-when_your_source_text_is_not_well_written.html
3. https://www.proz.com/forum/translation_theory_and_practice/259676-how_do_you_deal_with_poorly_written_source_texts.html
4. https://www.proz.com/forum/translation_theory_and_practice/21167-q_how_do_you_approach_poorly_written_source_texts.html (Consultados pela última vez a 20 de agosto de 2022)



Figura 10 Nuvem de palavras gerada a partir das respostas de fóruns (elaboração própria)

Como é possível observar pela nuvem de palavras, as palavras mais frequentes são, como seria de esperar, as relacionadas com o tema e com a tarefa de tradução em si, entre elas, *source text*, *target text*, *text*, *translation*, *translator*, *poor quality*, *incomprehensible source text*, entre outras. A frequência com que as palavras *client*, *questions* e *clarification* surgem na nuvem de palavras indica a importância colocada por estes tradutores na comunicação com o cliente, algo que será explorado em mais detalhe. Nesta nuvem de palavras é possível encontrar também fatores que podem influenciar as decisões tradutivas como *time*, *type of text*, *target text audience* e *author style*.

Quanto à análise das respostas dadas nestes fóruns, é possível identificar 4 estratégias recomendadas pelos tradutores participantes. Estas são:

- Produzir um texto de qualidade equivalente;
- Produzir um texto de qualidade superior;
- Depende do texto e/ou das condições específicas do projeto;
- Comunicar com o cliente e/ou gestor de projetos.

É importante realçar que esta última foi mencionada várias vezes em conjunto com uma das anteriores. Ademais, foi a opção mencionada o maior número de vezes nas respostas (tendo sido mencionada um total de 19 vezes). Um tradutor afirma ainda que considera que obter a perspetiva do cliente é importante, visto que permite compreender o tipo de tradução pretendida por este, isto é, se prefere uma tradução literal, em que os problemas

e/ou defeitos do original podem ser transpostos para a tradução, mesmo que tal resulte num texto que soe pouco natural, ou se prefere uma tradução menos literal e que seja mais natural, apesar de não ser um equivalente exato do texto de partida. Em adição, a comunicação com o cliente é necessária para informá-lo de quaisquer problemas que o tradutor encontre e para tirar dúvidas que surjam ou clarificar ambiguidades do texto de partida.

Grande parte dos tradutores optam pela produção de um texto de qualidade superior quando se encontram nesta situação, tendo sido referido em 15 respostas. Um dos tradutores aponta que, na sua opinião, o tradutor deve produzir uma tradução de qualidade na sua língua de chegada, independentemente dos defeitos do texto de partida. Aponta ainda que existe uma exceção, sendo esta quando o texto apresenta defeitos intencionais ou é ilógico intencionalmente.

Em seguida, a posição mais optada foi a de que depende do texto ou das condições, tendo sido referida em 12 respostas. Relativamente ao tipo de texto, um tradutor referiu que no caso de documentos de correspondência, contratos ou documentos jurídicos, prefere manter-se mais fiel ao texto de partida. Em outros tipos de textos, como manuais, toma mais liberdades com a sua tradução. Outro tradutor refere uma situação específica em que estava a traduzir um relatório em que foram incluídas entrevistas com falantes não-nativos de uma língua, de forma a perceber como estes falantes se expressavam na língua. Por essa razão, era necessário manter uma fidelidade ao texto e transpor possíveis erros, sendo que esse é o objetivo do texto de partida.

Em relação às condições referidas, estas referem-se ao prazo de entrega e ao preço do serviço. Um tradutor refere que se o prazo o permitir, tenta melhorar o texto de chegada, porém quando tal não acontece, acaba por realizar uma tradução mais parecida ao original, pois não tem tempo para realizar as alterações ou correções necessárias para que o texto tenha melhor qualidade. De igual forma, outro tradutor refere que tenta produzir uma tradução o melhor possível, independentemente da qualidade do texto de partida, mas tal depende do pagamento. Este tradutor adianta que se certifica que não comete erros factuais ou gramaticais graves, mas que o texto de chegada poderá não ser 100% correto.

É ainda mencionado numa resposta que o tradutor não transpõe quaisquer erros gramaticais ou ortográficos presentes do texto de partida, mas que se o cliente não

fornecer clarificações a dúvidas que tenham sido expostas pelo tradutor, é possível que as ambiguidades do texto de partida sejam transpostas para a tradução.

Em último lugar, encontra-se a opção mencionada o menor número de vezes, isto é, produzir um texto de qualidade equivalente ao texto de partida. Esta só foi mencionada em quatro respostas. Esta prática é comumente designada de GIGO, significando *garbage in, garbage out*, apesar de que este acrónimo pode também ser utilizado para a prática completamente oposta, ou seja, *garbage in, gold out*. Um dos tradutores que assumiu esta posição destaca que, na sua opinião, o tradutor só deve produzir um texto de qualidade equivalente, transpondo os defeitos do texto de partida, quando o cliente não clarifica as dúvidas expostas pelo tradutor.

No caso de projetos em que o tradutor considere que os defeitos do texto impossibilitem a compreensão do texto, vários tradutores recomendam que o projeto seja recusado com base na qualidade do texto de partida.

Acho também interessante realçar uma das intervenções, na qual um tradutor afirma que em casos em que o texto de partida tem erros estilísticos, costuma transpor as repetições, formulações confusas, desde que não sejam fáceis de corrigir. O cliente, no entanto, é previamente informado dos problemas do texto e a possibilidade de a tradução não ser a melhor.

É importante realçar que este é um estudo muito reduzido, pelo que não é possível tirar conclusões concretas ou fazer-se uma generalização. Ainda assim, pode-se observar que uma das tendências entre as respostas nos tópicos em análise se alinha com o exposto por Mólnar (2013), Kubánek (2013) e Bittner (2019), isto é, a preferência pela produção de uma tradução de qualidade superior à do texto de partida, sem que os defeitos presentes no mesmo não sejam transpostos para o texto de chegada. Porém, na minha opinião um dos aspetos mais importantes é a ênfase na comunicação com o cliente, não só para informá-lo dos defeitos encontrados no texto, como para esclarecer qualquer dúvida.

3.4 Reflexão e apresentação de um projeto

Como foi referido anteriormente, a exploração do tema da qualidade e mais especificamente do texto de partida foi motivada por um projeto específico realizado em maio. Ao longo do estágio recebi projetos de vários campos do conhecimento e com diversos níveis de qualidade. Apesar de alguns textos serem mais fáceis de compreender

do que outros e, de certo modo, mais fáceis de traduzir, no geral, sempre me senti relativamente satisfeita com o produto final. Porém, no caso deste projeto em especial, senti que o produto final ficou aquém das minhas capacidades, não só devido à qualidade do texto de partida como o prazo de entrega apertado.

Devido à sua dimensão, este projeto estava dividido entre vários tradutores e consistia na tradução de várias transcrições de entrevistas. As instruções partilhadas pelo cliente apenas mencionavam que o cliente pretendia uma tradução com a melhor qualidade possível, nas suas palavras, *premium quality*. O texto que me foi atribuído tinha no total 8686 palavras e o seu conteúdo estava relacionado com as vinte e duas línguas oficiais indianas e o seu suporte em sistemas de reconhecimento de voz de uma empresa indiana.

Por se tratar de uma transcrição de uma conversa entre várias pessoas, era frequente encontrar frases cortadas ou pedaços de informação ausentes no meio de frases, provavelmente partes do discurso que o transcritor não percebeu, visto que estavam identificados no texto de partida como “<UNKNOWN/>”. Esta é uma prática comum na realização de transcrições, uma vez que no caso de palavras ou expressões impercetíveis, o transcritor não pode adivinhar o que foi dito. Ainda assim, tal dificulta a tarefa tradutiva, uma vez que, tal como o transcritor, o tradutor não consegue adivinhar o que foi dito, o que pode levar a traduções incorretas. Este problema poderia ser contornado através da consulta do ficheiro de áudio original, porém neste projeto o ficheiro de áudio não foi disponibilizado.

Infra são apresentados alguns segmentos onde a situação acima descrita ocorre, para a comparação ser possível, ambos o texto de partida e a sua tradução são incluídos.

Texto de partida	Tradução
<np> People </np> in <np> <UNKNOWN/> </np>	<np> Pessoas </np> em <np> <UNKNOWN/> </np>
Now, the question is that if thirteen million, which <np> <UNKNOWN/> </np> if the <np> thirteen million voice queries </np> are totally the <np> Indian English queries... </np>	A questão é: se treze milhões, o que <np> <UNKNOWN/> </np> se <np> as treze milhões de questões </np> são de facto em <np> inglês indiano... </np>

<np> <UNKNOWN/> folks </np> <np> Hindi </np> and a <np> Indian English, </np> and we can translate it into twenty-two.	<np> <UNKNOWN/> pessoas </np> <np> o hindi </np> e o <np> inglês indiano, </np> e podemos traduzir para vinte e duas.
Yes, we are waiting for the <np> <UNKNOWN/> </np>	Sim, estamos a aguardar por <np> <UNKNOWN/> </np>

Tabela 2 Segmentos com a tag "</Unknown>" (elaboração própria)

Como é possível observar pela tabela acima, a tradução não soa natural, pois faltam informações em cada segmento, informações estas que são impossíveis de assumir ou adivinhar, especialmente sem acesso ao ficheiro de áudio utilizado para a transcrição. Ademais, é possível que a informação ausente de cada segmento pudesse alterar as minhas escolhas, desde as próprias palavras utilizadas, por exemplo preposições, até à construção frásica.

Como este texto se trata de uma transcrição, o texto de partida replica de forma exata o discurso dos intervenientes, à exceção de, como foi identificado anteriormente, palavras ou expressões impercetíveis. Durante o discurso é comum repetirmos informação e utilizamos “bengalas linguísticas”. Estas são palavras ou expressões que não têm significado e são utilizadas frequentemente para sinalizar a tomada de palavra, passagem da palavra ou também demonstram hesitação, necessidade de reformulação do discurso ou a procura de interação pela parte do orador (Marques, 2018).

Na Tabela 3 é possível encontrar três exemplos da utilização de bengalas discursivas e da reformulação discursiva.

Texto de partida	Tradução
So, for <np> example, </np> I could say that in the <np> Indian English, </np> if you look at the <np> Indian English chunk, (...)	Por <np> exemplo, </np> posso dizer que em <np> inglês indiano, </np> se olharmos para as questões para <np> inglês indiano, (...)
So, I think, yeah, from a <np> language perspective, (...)	Portanto, penso que sim, de uma <np> perspectiva linguística, (...)
Like, for <np> example, </np> (...)	Tipo, por <np> exemplo, (...)

Tabela 3 Reformulações e bengalas linguísticas (elaboração própria)

No primeiro exemplo é possível observar como o interveniente começa o seu discurso, optando depois por reformular o que estava a dizer. Já no segundo e terceiro exemplos realço a utilização de bengalas linguísticas, através da utilização de palavras como “so”, “yeah”, “like”.

Apesar de estas expressões poderem até soar naturais durante uma conversa oral, o mesmo não acontece quando aparecem escritas. Por essa razão, pode haver a tentação de omitir estas repetições e bengalas linguísticas, com o intuito de criar um texto mais coerente e transmitir a mensagem de forma fluente. Contudo, como se tratava da tradução de uma transcrição, considere-se que, da mesma forma que a transcrição pretende retratar o discurso fielmente, seria importante manter estas repetições, reformulações e bengalas linguísticas sempre que possível, optando por uma tradução mais fiel ao original.

Anteriormente foi mencionado o prazo deste projeto. Uma vez que era um prazo bastante curto considerando a dimensão do projeto, a gestora de projetos sugeriu a utilização de tradução automática como uma ferramenta para aumentar a produtividade dos tradutores envolvidos, tendo partilhado connosco os ficheiros com a tradução automática dos nossos textos. No entanto, apesar de a tradução automática poder ser utilizada como suporte e poder chegar a ser bastante útil durante a tradução, devido à sua qualidade, acabei por não recorrer muito a esta opção.

Texto de partida	Tradução automática	Tradução humana
That's aim to have {1} Índia {2} twenty-two.	É o objectivo de ter {1} Índia {2} vinte e dois.	O objetivo é ter as vinte e duas da {1} Índia. {2}
So, yes, you are absolutely right {1} {2} {3} {4} that most {5} important part {6} out in {7} India {8} is one of the {9} peculiar thing {10} is we tend to mix a {11} lot {12} of {13} English {14} with our {15} mother tongue. {16}	Portanto, sim, tem toda a razão {1}. {2} {3} 4 {5} que a maioria dos {6} parte importante {7} sai em {7} Índia {8} é uma das {9} coisas peculiares {10} é que tendemos a misturar um {11} lote {12} de {13}. Inglês {14} com a nossa {15} língua materna. {16}	Sim, está correto {1} {2} {3} {4} que a {5} parte mais importante {6} na {7} Índia {8} é algo {9} peculiar, {10} temos a tendência de misturar {11} muito {12} {13} inglês {14} com a nossa {15} língua materna. {16}

Tabela 4 Comparação entre tradução automática e tradução humana (elaboração própria)

Este texto tem também a particularidade de ter muitas *tags*, algo que por si só interfere com a qualidade da tradução automática, pois em vez de traduzir o segmento como um todo, a tradução automática traduz o conteúdo entre as *tags* de forma separada. Como a tradução automática traduz um segmento em várias partes, o segmento como um todo acaba por não ser coerente, como se pode observar na Tabela 4, em especial no segundo exemplo. Ademais, falta à tradução automática o contexto de certas expressões que um tradutor humano consegue retirar através do resto do texto, tal é visível no primeiro exemplo com “Índia twenty-two” - pelo contexto da conversa, o tradutor consegue chegar à conclusão de que este número se refere ao número de línguas oficiais na Índia, podendo realizar a sua tradução em conformidade. Por outro lado, a máquina limita-se a traduzir o número.

Este projeto confirma ainda o exposto por Kubánek (2013, p. 98) de que o desempenho da tradução automática está condicionado pelas características do texto de partida, neste caso, não só a sua qualidade ou fluência, mas também a existência de *tags*.

Devido às especificidades deste projeto, nomeadamente por ser uma tradução de uma transcrição, realizei uma tradução mais fiel ao original, optando por manter grande parte das repetições e outros aspetos que poderiam ser considerados como defeitos do texto de partida. Apesar de não o ter apreciado na altura em que o realizei, através deste projeto e da investigação sobre o tema da qualidade, esta acabou por ser uma experiência de aprendizagem valiosa, pois um tradutor depara-se com todo o tipo de textos e, tal como este, alguns podem ter particularidades que complicam a tarefa tradutiva. As estratégias de tradução acabam por ser diferentes de projeto para projeto, mas é essencial que um bom tradutor tenha algumas noções de como proceder quando se depara com textos “mais difíceis”.

O conceito de qualidade é ainda bastante controverso, não existindo um consenso entre os autores. No entanto, as normas de qualidade surgem de forma a normalizar não só os processos envolvidos na prestação de serviços de tradução, mas também o que significa realizar uma tradução de qualidade, considerando que uma tradução é de qualidade quando se adequa à finalidade. A qualidade pode ainda ser influenciada por vários fatores, porém cabe ao tradutor saber como os navegar, de modo a produzir um produto final satisfatório.

O presente relatório de estágio teve como objetivo a descrição detalhada das atividades realizadas durante o estágio curricular de 6 meses na empresa de tradução AP | Portugal – Tech Languages Solutions realizado no âmbito do mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas e teve como foco a exploração do tema da avaliação de qualidade da tradução.

Ao longo deste relatório foram também exploradas diferentes abordagens da avaliação de qualidade da tradução, bem como normas de qualidade existentes e fatores que podem influenciar a qualidade da tradução. Relativamente a este último tema, foi dado um maior foco à problemática do texto de partida, em especial, se o tradutor tem a responsabilidade de produzir uma tradução de qualidade superior ao texto de partida, quando este apresenta defeitos. Através da análise da opinião de autores e de profissionais, foi possível chegar à conclusão que, apesar de estar dependente do tipo de texto a traduzir, na maior parte dos casos o tradutor deve produzir uma tradução de qualidade superior à do texto de partida.

O tema da qualidade da tradução esteve bastante presente durante os seis meses do estágio. Inicialmente a minha visão da qualidade era a de um conceito abstrato, uma vez que a noção de qualidade pode ter contornos muito subjetivos, porém com o evoluir do estágio, adotei o conceito de qualidade presente na norma ISO 17100, em que a qualidade está dependente do projeto e da sua finalidade.

De modo global, considero que este estágio foi uma experiência positiva, este foi um período de aprendizagem e de crescimento a nível pessoal e profissional.

Durante este estágio, observei a necessidade da versatilidade para um tradutor. Cada projeto é diferente, logo, requer também aptidões diferentes. Por exemplo, no mesmo dia podia receber projetos que requeriam um maior rigor terminológico, enquanto o projeto seguinte podia ser um que requeria criatividade, como os projetos de marketing. Ademais, em alguns casos, especialmente como *freelancer*, o tradutor pode precisar de converter e formatar documentos, aptidões estas que não estão imediatamente relacionadas com a tradução, mas sim com a paginação e DTP. Desse modo, o tradutor deve ser polivalente e conseguir adaptar-se a diferentes situações, estando sempre pronto a aprender.

De facto, esta polivalência foi demonstrada durante o estágio, uma vez que além de realizar projetos de vários campos do conhecimento, realizei tarefas de gestão de eventos, um desafio completamente novo e diferente do que estava habituada como tradutora.

Este estágio foi o meu primeiro passo na minha carreira como tradutora, a qual continua ainda em colaboração com a AP | Portugal, desta vez na qualidade de tradutora *freelancer*, inserida no programa Rising Stars. Esta é uma nova etapa na qual continuarei a aperfeiçoar as minhas capacidades e a aprender diariamente. Um tradutor não é uma máquina ou um dicionário, não se espera que saiba tudo, porém deve estar sempre aberto a aprender mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências bibliográficas

- Arenas, A. G. (2019). Pre-editing and post-editing. Em E. Angelone, M. Ehrensberger-Dow, & G. Massey (Eds.), *The Bloomsbury companion to language industry studies* (pp. 333-360). Bloomsbury Academic.
- Bittner, H. (2011). The quality of translation in subtitling. *Trans-kom*, 4(1), 76-87.
- Bittner, H. (2019). *Evaluating the evaluator: A novel perspective on translation quality assessment*. Routledge.
- BSI. (2006). *BS EN 15038:2006, Translation Services – Service Requirements*. <https://knowledge.bsigroup.com/products/translation-services-service-requirements/standard>
- Calvo, E. (2018). From translation briefs to quality standards: Functionalist theories in today's translation processes. *Translation & Interpreting, The*, 10(1), 18-32.
- Colina, S. (2008). Translation quality evaluation: Empirical evidence for a functionalist approach. *The translator*, 14(1), 97-134.
- Colina, S. (2019). Quality, translation. Em M. Baker, & G. Saldanha (Eds.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (pp. 458-463). Routledge.
- House, J. (2014). Translation quality assessment: Past and present. Em J. House (Ed.), *Translation: A multidisciplinary approach* (pp. 241-264). Palgrave Macmillan.
- ISO. (2015). *ISO 17100: Translation Services: Requirements for Translation Services*. <https://www.iso.org/standard/59149.html>
- ISO. (2017). *ISO 18587: Translation services: Post-editing of Machine Translation Output: Requirements*. <https://www.iso.org/standard/62970.html>
- Kubánek, M. (2013). Source Text Quality in the Workflow of Translation Agencies. Em J. Zehnalová, O. Molnár, & M. Kubánek (Eds.), *Tradition and Trends in Trans-language Communication* (pp. 87-104). Univerzita Palackého.
- Marques, C. (2018, novembro 14). Tipo, não uses bengalas, tás a ver. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/tipo-nao-uses-bengalas-tas-a-ver/3719>

- Molnár, O. (2013). Source Text Quality in the Translation Process. Em J. Zehnalová, O. Molnár, & M. Kubánek (Eds.), *Tradition and Trends in Trans-language Communication* (pp. 59-86). Univerzita Palackého.
- Mossop, B. (1995). Understanding poorly written source texts. *L'Actualité terminologique/Terminology Update*, 4-21.
- Mossop, B. (2014). *Revising and editing for translators*. Routledge.
- Ørsted, J. (2001). Quality and efficiency: Incompatible elements in Translation Practice?. *Meta: journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal*, 46(2), 438-447.
- Pastor, G. C. (2006). Translation quality standards in Europe: An overview. Em E. M. Bermúdez, & L. R. Miyares (Eds.), *Linguistics in the twenty first century* (pp. 47-57). Cambridge Scholars Publishing.
- Schnierer, M. (2020). Revision and Quality Standards: Do translation service providers follow recommendations in practice?. Em M. Koponen, B. Mossop, I. S. Robert, & G. Scocchera (Eds.), *Translation Revision and Post-Editing* (pp. 109-130). Routledge.
- Williams, M. (2009). Translation quality assessment. *Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción*, 2(1), 3-23.

Apêndice I – Amostra do glossário

EN	PT
AASP	AASP
AC inlet	entrada CA
and later	e posterior
Antenna Coax Cable	Cabo coaxial da antena
app	app
App Switcher	seletor de apps
backup	cópia de segurança
backup drive	unidade de cópia de segurança
battery pack	conjunto de bateria
bootable installer	instalador de arranque
bootable volume	volumes de arranque
Bootloader	Carregador de arranque
bottom cover	tampa inferior
browse	explorar
bug fixes	correções de erros
built-in apps	apps integradas
bus bar	barra condutora
came in	deu entrada
camera cowling	cobertura da câmara
case sensitive	sensíveis a maiúsculas e minúsculas
center stage	enquadramento central
certification	certificação
charge	cobrança
charging mat	tapete de carregamento
chime	sinal sonoro
chip	processador
coin cell battery	pilha tipo moeda
connect	ligar
Dark Mode	Modo escuro
DC-to-DC power supply	fonte de alimentação DC/DC
Desktop	secretária
desktop computer	computador de secretária
DFU (Device Firmware Update) mode	modo DFU
diagnostics	testes de diagnóstico

direct-attached storage	armazenamento com ligação direta
display	monitor/ecrã (dependendo do contexto)
done	OK
download	descarregar
ear tips	adaptadores
enclosure	cobertura
encrypted	cifrado
enter	introduzir
fast charging	carregamento rápido
feature	funcionalidade
File Sharing	Partilha de ficheiros
flash storage	armazenamento flash
flashcards	cartões interativos
folder	pasta
frozen screen	ecrã bloqueado
get the most (from)	tirar o melhor partido (de)
go to	aceda
GST	imposto sobre os bens e serviços
Haptic feedback	informação háptica
hard drive (HD)	disco rígido
hard reset	reposição de hardware
headset jack	ficha do auricular
heat sink	dissipador de calor
hide my email	ocultar o meu e-mail
highlighted	destacado
home hub	central da casa
host computer	computador host
hot spot area	ponto crítico
improved memory management	gestão melhorada da memória
in frame	dentro da moldura
in-app purchases	compras integradas
inch	(de) x polegadas
input/output (I/O) board	placa de entrada/saída (E/S)
introduced	lançado em
invoice	fatura

NOTAS

Deixar sempre um espaço entre ex: 20 GB ou 20 EUR/€

Omitir as referências a "seu XXX"

Localizar os links sempre que possível

Utilizar minúsculas a seguir a dois pontos

PC = PC, não utilizar computador na tradução quando no original tem PC

Utilizar NBSP no nome de produtos com 2 palavras

Utilizar o mesmo espaçamento que o original, ex: se o segmento acaba com espaço, este deve estar também na tradução

Os números após 999 devem ser escritos com ponto. Por exemplo: 8.000

Utilizar nomes portugueses para os exemplos, para que soe mais natural. Ex: Enrique > Henrique

Utilizar NBSP em todos os nomes compostos e não apenas com os nomes dos produtos

Artigos GSX: deixar títulos em inglês

Anexo I – Protocolo de estágio



INSTITUTO
SUPERIOR
DE CONTABILIDADE
E ADMINISTRAÇÃO
DO PORTO
POLITÉCNICO
DO PORTO

GEE GABINETE DE ESTÁGIOS E EMPREGABILIDADE
PROTOCOLO DE PROJETO/ ESTÁGIO
CURRICULAR DE MESTRADO
ESTUDANTE Nº - 2200348

Entre:

Primeiro Outorgante: **Instituto Politécnico do Porto**, através do seu **Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto**, sito na Rua Jaime Lopes de Amorim, s/n, 4465-004 S. Mamede Infesta, Matosinhos, com o número de Identificação de Pessoa Coletiva 503606251, representado neste ato pelo Exmo. Senhor Presidente, Professor Doutor Fernando Magalhães, de ora em diante designado por **ISCAP**;

E

Segundo Outorgante: AP Portugal, com sede no(a) Rua Fonte Santa, 88, 4400-157 Vila Nova de Gaia, com o número de Identificação de Pessoa Coletiva 504195739, representada neste ato pelo Exmo.(a) Senhor(a) Licenciado (pré-Bolonha) Mário Adérito Costa Júnior, de ora em diante designada por **ENTIDADE DE ACOLHIMENTO**;

E

Terceiro Outorgante: Inês Gonçalves dos Reis aluno número 2200348, residente na Praceta Oliveira Santos, 89 1º Esquerdo 4405-581 Vila Nova de Gaia, portador do Cartão de Cidadão número 14592310 e do Número de Identificação Fiscal 237258897, de ora em diante designado por **ESTUDANTE/ESTAGIÁRIO**;

Considerando que:

- 1) O curso superior frequentado pelo Estudante/Estagiário no ISCAP permite a realização de um Projeto/Estágio curricular;

É celebrado o presente protocolo de Projeto /Estágio CurricularX, o qual regula as relações entre a Entidade de Acolhimento, o ISCAP e o Estudante/Estagiário e se rege pelo disposto nas cláusulas seguintes:

Cláusula Primeira

Âmbito

- 1) O presente protocolo define, nos termos do Regulamento Geral de Mestrados do ISCAP, as condições para a realização de um Trabalho de Projeto/Estágio enquadrado no plano curricular do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas.
- 2) Do Projeto/Estágio não resulta qualquer vínculo laboral entre o mestrando e o segundo outorgante.

Cláusula Segunda

Objetivos

De acordo com o Art.º 10º do Regulamento Geral dos Mestrados, o Trabalho de Projeto ou Estágio dos Cursos de Mestrado do ISCAP tem como objetivo, através do contacto com os contextos de exercício da profissão, proporcionar a aplicação dos conhecimentos e competências adquiridas nas unidades curriculares lecionadas ao longo do Curso.

ESTUDANTE Nº - 2200348

Cláusula Terceira
Caraterização do Estágio

O Projeto/Estágio a realizar tem a seguinte caraterização:

- a) Curso Superior do Estagiário: Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas;
- b) Situação Curricular: Frequência do 2º ano curricular do curso superior supramencionado;
- c) Orientador do Projeto/Estágio do ISCAP: Prof. Especialista Laura Tallone;
- d) Departamento da Entidade de Acolhimento onde realizará o Projeto/Estágio: Departamento de Tradução;
- e) Orientador da Entidade de Acolhimento: Licenciada (pré-Bolonha) Teresa de Jesus Nascimento Carvalho Peixoto;
- f) Duração do Projeto/Estágio: 6 meses ou 900 horas;
- g) Horário semanal do estágio: 9h00-13h00, 14h00-18h00;
- h) Início do Projeto/Estágio: 3 de janeiro de 2021;
- i) Conclusão do Projeto/Estágio: 30 de junho de 2022;
- j) Local de realização do Projeto/Estágio: Praceta de Oliveira Santos, 89 1º Esquerdo 4405-581 Vila Nova de Gaia.

Cláusula Quarta
Deveres do Mestrando

São deveres do mestrando durante o seu período de Projeto/Estágio:

- 1) Cumprir o plano de trabalho na íntegra;
- 2) Ser assíduo e pontual no cumprimento do horário de trabalho acordado;
- 3) Justificar todas as faltas por escrito, à Entidade de Acolhimento com conhecimento do Tutor e do Orientador;
- 4) Respeitar as regras internas de funcionamento, higiene e segurança, em vigor na Entidade de Acolhimento;
- 5) Cumprir diligentemente as tarefas que lhe forem confiadas pelo Tutor, pela entidade de Acolhimento e pelo(s) seu(s) orientador(es), no cumprimento do plano de trabalho do Projeto/Estágio;
- 6) Dispensar o maior cuidado aos bens materiais que lhe forem confiados, sendo o único e exclusivo responsável pelos eventuais danos causados durante o período de Estágio;
- 7) Guardar sigilo profissional, durante e após a conclusão do Projeto/Estágio, relativamente a todos os trabalhos e tarefas de estágio efetuadas, bem como a qualquer outra informação de que tenha conhecimento ou acesso em virtude da sua permanência na Entidade de Acolhimento, não podendo revelar ou utilizar para si ou para outra pessoa, singular ou coletiva, quaisquer dados ou informações relativas a negócios, produtos, projetos, clientes, estratégias e procedimentos, salvo se devidamente autorizado por escrito.
- 8) Cumprir todas as demais obrigações decorrentes do Regulamento Geral dos Mestrados.

Cláusula Quinta
Direitos do Mestrando

São direitos do mestrando:

- 1) Aceder atempadamente às informações relativas ao Projeto/Estágio;
- 2) Encetar contactos que possam originar posteriores Protocolos de Projeto/Estágio, desenvolvendo, a vários níveis, a capacidade de iniciativa e autonomia;
- 3) Receber acompanhamento e orientação efetiva por parte do Tutor e do(s) orientadores designado(s) pelo Diretor do Curso de Mestrado;

ESTUDANTE Nº - 2200348

Página 2 de 6

GEE GABINETE DE ESTÁGIOS E EMPREGABILIDADE T 22 905 00 90 [EXT.22390] GEE@ISCAP.IPP.PT | WWW.ISCAP.IPP.PT/

ISCAP-GEE-MOD034.v14

- 4) Não executar, regularmente, tarefas que não se enquadrem ou não sejam adequadas à respetiva formação;
- 5) Ser-lhe atribuído um posto de trabalho no local de Projeto/Estágio e um horário que lhe permita assistir às atividades letivas a decorrer no ISCAP;
- 6) Dispor das condições necessárias na Entidade de Acolhimento para o desenvolvimento integral do plano de trabalho acordado;
- 7) Ter um contacto regular com o(s) orientador(es) do Projeto/Estágio e com o tutor.

Cláusula Sexta
Responsabilidades do ISCAP

O ISCAP tem o dever de:

- 1) Delinear com a Entidade de Acolhimento, com o Tutor, com o(s) responsável(eis) da unidade curricular e com o Orientador, o plano de trabalho e a calendarização do Projeto/Estágio;
- 2) Nomear um orientador de Projeto/Estágio;
- 3) Tomar todas as providências para que o mestrando seja acompanhado de forma regular na Entidade de Acolhimento pelo Tutor designado;
- 4) Dar todo o apoio necessário ao mestrando de forma a proporcionar o cumprimento dos objetivos estabelecidos;
- 5) Resolver eventuais conflitos e quaisquer problemas que surjam no decorrer do Projeto/Estágio

Cláusula Sétima
Seguro escolar

O seguro escolar a que o mestrando tem direito, abrangerá o período de Projeto/Estágio, ficando, por isso, o segurado outorgante isento da responsabilidade em caso de qualquer acidente que ocorra com aquele durante o referido período. A Entidade de Acolhimento deverá dar indicação ao ISCAP das datas e local em que decorrerá o Projeto/Estágio Curricular para ativar o Seguro Escolar.

Cláusula Oitava
Competências e Responsabilidades da Entidade de Acolhimento

A entidade de acolhimento:

- 1) Fica isenta de atribuir ao mestrando qualquer remuneração, embora seja livre de o fazer;
- 2) Fica obrigada a atribuir apenas as tarefas que se enquadrem no plano de trabalhos do Projeto/Estágio estabelecido;
- 3) Deve igualmente:
 - a. Nomear o Tutor responsável pelo acompanhamento do mestrando ao longo do Projeto/Estágio;
 - b. Definir, com o mestrando e com o orientador do Projeto/Estágio, o plano de trabalho a desenvolver, proporcionando as condições necessárias para a sua execução.

Cláusula Nona
Competências e Responsabilidades do Tutor da Entidade de Acolhimento

Compete ao Tutor do Trabalho de Projeto/Estágio:

- 1) Dar apoio ao mestrando durante o período do Projeto/Estágio, ao nível da programação e observação das atividades a desenvolver pelo mesmo;
- 2) Assegurar a integração do mestrando na Entidade de Acolhimento;
- 3) Registrar a assiduidade do mestrando e disponibilizar o registo da mesma, sempre que solicitado pelo seu(s) Orientador(es);
- 4) Manter o(s) Orientador(es) informado(s) de eventuais problemas que surjam ao longo do período de Projeto/Estágio;
- 5) Garantir que o plano de trabalho seja cumprido e executado nas condições previstas;

ESTUDANTE Nº - 2200348

Página 3 de 6

GEE GABINETE DE ESTÁGIOS E EMPREGABILIDADE T 22 905 00 90 [EXT.22390] GEE@ISCAP.IPP.PT | WWW.ISCAP.IPP.PT/

ISCAP-GEE-MOD034.v14

- 6) Emitir um parecer qualitativo sobre o desempenho do mestrando.

Cláusula Décima

Competências e Responsabilidades do Orientador do Projeto/Estágio

Compete ao(s) Orientador(es) do ISCAP:

- 1) Acompanhar o processo e as relações entre o ISCAP e a Entidade de Acolhimento;
- 2) Apoiar o mestrando na execução do plano de trabalho definido;
- 3) Colaborar com o Tutor nos assuntos relacionados com o mestrando;
- 4) Orientar o mestrando na elaboração do Trabalho de Projeto ou do Relatório de Estágio;
- 5) Integrar o júri de avaliação do Trabalho de Projeto ou do Relatório de Estágio.

Cláusula Décima Primeira

Sigilo

Os estudantes e docentes do ISCAP, bem como os orientadores de Estágio, que, no âmbito das atividades de Estágio, tomem conhecimento de informações de natureza confidencial ou reservada, e como tal assinadas, ficarão obrigados à conservação do sigilo das mesmas, durante e após a conclusão do estágio.

Cláusula Décima Segunda

Relatório e Avaliação

De acordo com o Art.º10º, 11º e 17º do Regulamento Geral dos Mestrados:

- 1) O mestrando deverá elaborar um Relatório do Trabalho de Projeto/Relatório de Estágio e este deve ser submetido à consideração do Tutor de Projeto/Estágio.
- 2) O Tutor emitirá um parecer qualitativo sobre a forma como decorreu Trabalho de Projeto ou Estágio e esse parecer deve ser entregue com o Relatório do Trabalho de Projeto/Relatório de Estágio.
- 3) A avaliação do Trabalho de Projeto ou Estágio é realizada mediante a apreciação e discussão do Relatório do Trabalho de Projeto/Relatório de Estágio, por um júri nomeado para o efeito.

Cláusula Décima Terceira

Cessação

A cessação do presente protocolo poderá ocorrer por caducidade ou por rescisão do respetivo acordo celebrado entre o primeiro e os segundo e terceiro outorgantes, não dando lugar, em caso algum, a qualquer indemnização ou compensação ao terceiro outorgante/mestrando.

Cláusula Décima Quarta

Revogação do Protocolo

A revogação do Protocolo verifica-se quando:

- 1) O mestrando desista do Projeto/Estágio;
- 2) O mestrando anule a matrícula.

Cláusula Décima Quinta

Rescisão do Protocolo

O ISCAP pode rescindir de imediato o Protocolo no caso de não ser possível reunir as condições necessárias à integral satisfação da Cláusula Quinta ou de incumprimento das Cláusulas oitava e Nona do presente Protocolo.

Cláusula Décima Sexta

Confidencialidade e Dados Pessoais da Entidade de Acolhimento

- 1) O Estudante/Estagiário compromete-se a manter estrita e rigorosa confidencialidade e a nunca revelar e transmitir a terceiros, sob qualquer forma, quaisquer assuntos, informações, dossiers, documentos, dados ou procedimentos de que tome conhecimento no desempenho do Projeto/Estágio Curricular, ou em consequência desse

ESTUDANTE Nº - 2200348

Página 4 de 6

GEE GABINETE DE ESTÁGIOS E EMPREGABILIDADE T 22 905 00 90 [EXT.22390] GEE@ISCAP.IPP.PT | WWW.ISCAP.IPP.PT/

ISCAP-GEE-MOD034.v14

- desempenho, relativos à Entidade de Acolhimento e à sua estrutura, bem como aos seus trabalhadores, colaboradores, clientes ou fornecedores;
- 2) O Estudante/Estagiário obriga-se a manter estritamente confidenciais os dados pessoais de terceiros a que tenha acesso no âmbito do estágio ou que lhe sejam transmitidos pela Entidade de Acolhimento ao abrigo do presente protocolo, comprometendo-se ainda a respeitar e cumprir as políticas, normas, procedimentos e regulamentos internos que vigorem, em cada momento, na Entidade de Acolhimento em matéria de privacidade e proteção de dados pessoais, bem como a observar as disposições legais relativas ao tratamento de dados pessoais a que o Entidade de Acolhimento se encontre obrigado;
 - 3) Sem prejuízo das políticas e normas internas que sejam em cada momento aplicáveis, o Estudante/Estagiário só poderá aceder e de alguma forma tratar (v.g. copiar, transmitir, alterar, difundir ou destruir) dados pessoais que estejam sob a responsabilidade da Entidade de Acolhimento no que for estritamente necessário ao desempenho das suas funções;
 - 4) O Estudante/Estagiário obriga-se a comunicar à Entidade de Acolhimento de imediato, qualquer situação ou evento que possa afetar a segurança do tratamento de dados pessoais efetuado no âmbito do exercício do estágio ou que, de algum modo, possa dar origem ao incumprimento pela Entidade de Acolhimento das disposições legais em matéria de proteção de dados pessoais;
 - 5) No caso de cessação, por qualquer motivo, do presente protocolo, o Estudante/Estagiário devolverá imediatamente à Entidade de Acolhimento todos os originais e/ou cópias dos dossiers, correspondência, arquivos, memorandos e outros documentos e informações que se encontrem em seu poder, independentemente do respetivo suporte;
 - 6) O dever de confidencialidade previsto na presente cláusula mantém-se em vigor mesmo após a cessação do presente protocolo.

Cláusula Décima Sétima

Confidencialidade e Dados Pessoais do Estudante/Estagiário

- 1) Todas as disposições legais, éticas e profissionais estabelecidas, aceites e estritamente cumpridas pelo Estudante/Estagiário aplicam-se no tempo e no modo, de igual forma, à Entidade de Acolhimento perante o referido Estudante/Estagiário;
- 2) O Estagiário expressa e inequivocamente autoriza a Entidade de Acolhimento a proceder ao tratamento, automatizado ou não, parcial ou totalmente, dos seus dados pessoais, que sejam ou devam ser fornecidos à Entidade de Acolhimento, apenas e somente no âmbito do presente protocolo;
- 3) A Entidade de Acolhimento apenas poderá utilizar e divulgar os dados pessoais referidos no número anterior para fins relacionados com o presente protocolo ou com as atividades compreendidas no seu objeto, social ou de facto, bem como quaisquer outros fins que se venham a revelar necessários ou meramente convenientes no âmbito das relações mantidas entre a Entidade de Acolhimento e o Estudante/Estagiário;
- 4) A Entidade de Acolhimento poderá ainda proceder à transmissão dos dados referidos no número 2 da presente cláusula para qualquer empresa que com ela se encontre coligada ou que integre o mesmo grupo económico nacional ou internacional, salvaguardando sempre as disposições legais em vigor;
- 5) A Entidade de Acolhimento compromete-se a facultar ao Estudante/Estagiário a possibilidade de, a todo o tempo, aceder e solicitar a correção ou eliminação dos dados que lhe respeitem, nos termos legais;
- 6) Os Estudantes/Estagiários e docentes do ISCAP, bem como os orientadores de Projeto/Estágio Curricular, que no âmbito das atividades de Projeto/Estágio Curricular, tomem conhecimento de informações de natureza confidencial ou reservada, ficarão obrigados à conservação do sigilo sobre os mesmos.

Cláusula Décima Oitava
Disposições finais

Este protocolo é em formato digital e entra em vigor após a assinatura de todos os outorgantes. Os casos omissos no presente protocolo serão decididos de acordo com a legislação em vigor referente a esta matéria.

S. Mamede de Infesta, aos 9 dias do mês de dezembro do ano de 2021

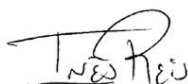
Primeiro Outorgante

Assinado por: **FERNANDO JOSÉ MALHEIRO DE
MAGALHÃES**
Num. de Identificação: 06554349

Segundo Outorgante¹



Terceiro Outorgante



Responsável pela Unidade Curricular



¹ Carimbo da Entidade de Acolhimento
ESTUDANTE Nº - 2200348

Anexo II – Plano de trabalho



INSTITUTO
SUPERIOR
DE CONTABILIDADE
E ADMINISTRAÇÃO
DO PORTO
POLITÉCNICO
DO PORTO

DA

DIVISÃO ACADÉMICA
PLANO DE TRABALHO
FINAL DE MESTRADO

2200348	Inês Gonçalves dos Reis
ALUNO Nº	NOME

Inscrito da disciplina de relatório de estágio do curso de mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas ^{a)}, vem apresentar a V. Ex^a o plano do trabalho a desenvolver, sob o título Relatório de Estágio: AP | Portugal - Tech Language Solutions ^{b)} que será orientado por Professora Especialista Laura Tallone ^{c)}.

Desenvolvimento de competências necessárias a um tradutor
Adquirir experiência profissional na área dos serviços linguísticos, mais especificamente em tradução
Utilização avançada das novas tecnologias aplicadas à Tradução
Abordagem das dificuldades encontradas nas tarefas desempenhadas e soluções encontradas

OBJECTIVOS

Observação dos profissionais da empresa
Prática do aprendizado durante o mestrado em contexto profissional
Revisão de literatura relativa a normas de qualidade dos serviços de tradução e a Estudos sobre Tradução e Tradução Especializada (se aplicável às tarefas realizadas)
Registo das atividades diárias durante o estágio

METODOLOGIA

Cujo índice e bibliografia se anexa.

Pede deferimento

S. Mamede de Infesta, 12 de janeiro de 2022

O ALUNO

O ORIENTADOR

CO-ORIENTADOR

Assinado por: **LAURA TALLONE**
Num. de Identificação: 15265389
Data: 2022.01.12 20:21:41+00'00'

a) Nome do mestrado em que está inscrito.

b) Título do trabalho a desenvolver.

c) Nome do(s) professor(es) orientador(es):



Índice

Resumo

Abstract

Introdução

Capítulo 1

1.1 Apresentação da entidade de acolhimento

1.1.1 Metodologia de trabalho

Capítulo 2

2.1 Enquadramento teórico

Capítulo 3

3.1 Estágio: Tarefas realizadas

3.1.1. Desafios encontrados

Conclusão

Referências bibliográficas

Anexos

Referências bibliográficas:

Alaoui, A. (2015). Knowledge Transfer and the Translation of Technical. *International Journal of Humanities and Social Sciences*, 9(10), 3380-3386.

Allen, J. (2001). Postediting: an integrated part of a translation software program. *Postediting: an integrated part of a translation software program*, 26-29.

Bassnet, Susan. *Translation Studies*. 1980. Londres: Routledge, 2014.

Byrne, J. (2006). *Technical translation: Usability strategies for translating technical documentation*. Springer.

Gadomska, A., & Szwed, M. (2020). The Impact of Style on the Quality of Writing and Translation. *Cultural Conceptualizations in Translation and Language Applications*, 169.

International Organization for Standardization. (2015). *Translation Services – Requirements for translation services (ISO Standard No. 17100:2015)*.
<https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:17100:ed-1:v1:en>

Mossop, Brian. *Revising and Editing for Translators*. Manchester: St. Jerome, 2001.

Anexo III – Plano de estágio

P.PORTO

INSTITUTO
SUPERIOR
DE CONTABILIDADE
E ADMINISTRAÇÃO
DO PORTO
POLITÉCNICO
DO PORTO

GEE

GABINETE DE ESTÁGIOS E EMPREGABILIDADE
PLANO DE ESTÁGIO

Licenciatura

Mestrado

Pós-Graduação

1º Sem

2º Sem

Identificação do aluno

Nº de estudante

Nome do estudante

E-mail

Nome do orientador ISCAP

E-mail

Identificação da empresa

Nome da empresa

Morada da Empresa

Telefone

E-mail

Estágio

Departamento de Tradução
Área/departamento de Estágio

03/01/2022 a 30/06/2022
Período de Estágio (data de início e fim)

09:00-13:00, 14:00-18:00
Horário de Estágio

Teresa Peixoto
Tutor de Estágio

teresa.peixoto@apportugal.com
E-mail

Objetivos fundamentais: desenvolvimento das capacidades adquiridas durante a formação académica, aquisição de experiência profissional na área de tradução, utilização avançada das novas tecnologias aplicadas à tradução, desenvolvimento da competência de tradução em áreas específicas do conhecimento (ciências da saúde, ciências económico-financeiras, ciências jurídicas, etc)

Plano de atividades do estágio remoto:

- gestão de qualidade
- atividades de tradução, revisão, releitura, transcrição, legendagem e pós-edição
- gestão de projetos
- paginação (desktop publishing)
- gestão de memórias de tradução
- localização

Descrição do Estágio (Referir objetivos fundamentais e breve plano de atividades; Projeto de Intervenção¹)

Proteção de dados pessoais

O ISCAP garante a estrita confidencialidade no tratamento dos dados pessoais do estagiário, do orientador e do tutor de estágio. A informação disponibilizada não será partilhada com terceiros e será utilizada para os fins diretamente relacionados com a ação de formação referida neste documento, bem como para a divulgação de ações de formação e/ou outros eventos relacionados com a sua atividade formativa.

O Responsável da Empresa



Data: 10 / 01 / 2022

Aprovação



(Responsável pela unidade curricular de Estágio)

¹ Caso se aplique

Anexo IV – Programa curricular de estágio da entidade de acolhimento



AP|PORTUGAL
TECH LANGUAGE SOLUTIONS
Academy

Programa Curricular de Estágio

Descobre como durante seis meses terás a oportunidade de integrar o ambiente de uma empresa certificada pela ISO 17100.



Apaixona-te pela tua empresa de tradução! Ingressa no AP ACADEMY

É com a mesma paixão que faz mover a **AP | PORTUGAL - Tech Language Solutions** como instituição de serviços linguísticos que fazemos este convite: apaixonar-te pela tradução.

No **AP ACADEMY** vais encontrar a melhor resposta dada a quem deseja realizar um estágio numa empresa de tradução capaz de oferecer um crescimento sustentado de educação e conhecimento profissional.

Esta é mais do que uma oportunidade para a tua evolução num cenário real, pode ser também a porta de entrada para o mundo profissional da tradução, graças ao nosso sistema global de progressão de carreira dentro da AP | PORTUGAL.

Programa de estágio de Tradução

Estamos à tua espera para o estágio. Durante seis meses terás a oportunidade de integrar ambiente de uma empresa certificada, beneficiando da valiosa oportunidade de trabalhar em todas as fases de um processo de tradução.

Aos nossos mentorados são ainda disponibilizadas diversas ferramentas tecnológicas que terão um papel fundamental na formação e carreira profissional.



Programa curricular de estágio
Plano estágio da AP ACADEMY
Carga horária: 6 meses | 960 horas

Objetivos

1. Experimentar ferramentas e metodologias de pesquisa e análise, desenvolvendo competências crítico-reflexivas e de aplicação da teoria à prática.
2. Promover competências de comunicação multilingue, aprofundando o conhecimento das línguas de trabalho.
3. Adquirir e partilhar conhecimento na área da Tradução.
4. Desenvolver a competência de tradução para a língua materna e para a língua estrangeira em áreas específicas do conhecimento (ciências da saúde, ciências económico-financeiras, ciências jurídicas, etc.).
5. Promover soft skills e competências facilitadoras na inserção no mundo do trabalho.
6. Promover a capacidade de adaptação, pensamento crítico, resolução de problemas, tomada de decisão e integração cultural e linguística.
7. Utilização avançada das novas tecnologias aplicadas à Tradução.

Língua de trabalho

Português

Modo de trabalho

Presencial ou à distância

Métodos de ensino e atividades de aprendizagem

A abordagem é eminentemente prática, incluindo um conjunto de exercícios e trabalhos efetuados pelos mentorados, individualmente ou em equipa sob a orientação do seu mentor.



Módulo	Observações	Carga Horária
Qualidade	Departamento da Qualidade	
<ul style="list-style-type: none"> • Introdução à Norma ISO 17100:2015 • Sistema de Gestão da Qualidade - SGQ ISO 17100 • Programa de Excelência: Sistema de Satisfação Total (SST) 	Mentor: Eugénio Rodrigues	8 horas
Kaizen	Departamento da Qualidade	
<ul style="list-style-type: none"> • Metodologia de melhoria Contínua Introdução • Demonstração da aplicação prática ao longo do estágio através do preenchimento de Relatório Mensal 	Mentor: Eugénio Rodrigues	4 horas 24 horas
Comunicação interna e Intranet	Departamento Marketing & Comunicação	
<ul style="list-style-type: none"> • Boas práticas • Workplace: introdução e implementação • Netiqueta 	Mentor: Eugénio Rodrigues Mentora: Anabela Delgado	4 horas



Módulo	Observações	Carga Horária
Tradução	Departamento de Mentoring	
<ul style="list-style-type: none"> • Tradução Exercícios práticos • Revisão Exercícios práticos • Releitura Exercícios práticos • Transcrição Exercícios práticos • Transcrição Exercícios práticos • Legendagem Exercícios práticos 	Mentora-Coordenadora: Anabela Delgado	400 horas 200 horas 100 horas 80 horas

Pós-Edição		
<ul style="list-style-type: none"> • Machine Translation • Light Post-editing • Full Post-editing 	Mentora: Ivone Oliveira	20 horas

Gestão de Projetos	CATTI - Centro de Apoio aos Transcritores, Tradutores e Interpretes	
Sistemas de gestão de projectos TMS	Mentora: Ivone Oliveira	8 horas
<ul style="list-style-type: none"> • Wordbee • Plunet • Memsorce • Smartcat Teórico-Prática	Mentora: Cátia Rodrigues, Gestora de Projetos	20 horas



Módulo	Observações	Carga Horária
Paginação Desktop Publishing (DTP)	PACQ - Departamento de Paginação e Controlo de Qualidade	
<ul style="list-style-type: none"> Software de reconhecimento ótico de caracteres OCR Abbyy Finereader Adobe creative cloud Indesign Adobe creative cloud PDF Acrobat Reader Microsoft office 365 (excel, powerpoint, MS word) Prática supervisionada	Mentora: Vera Lisboa, DTP Assistant Mentor: Ricardo Mathiotte, DTP Assistant	8 horas + 25 horas
Gestão de Memórias de Tradução	CATTI - Centro de Apoio aos Transcritores, Tradutores e Interpretes	
<ul style="list-style-type: none"> Alinhamento de textos Criação de bases terminológicas Criação de memórias de tradução Aplicação prática	Mentora: Ivone Oliveira Mentora: Cátia Rodrigues, Gestora de Projetos	4 horas + 20 horas



Módulo	Observações	Carga Horária
Localização		
<ul style="list-style-type: none"> • Content management system CMS • Localização Manual • Localização automática • Localização contínua 	Mentora: Anabela Delgado Mentora: Ana Duarte	20 horas
Traduções Certificadas		
<ul style="list-style-type: none"> • Certificação de documentos • Autenticação de documentos 	Mentor: Eugénio Rodrigues	5 horas
Software de auxílio à tradução CAT TOOLS		
<ul style="list-style-type: none"> • Wordbee Translator • SDL Trados Studio • MemoQ • Memsource 	Mentora-Coordenadora: Anabela Delgado Mentora: Ivone Oliveira Mentora: Ana Duarte	10 horas
	TOTAL	960 horas

Atividades opcionais

- Acompanhamento em eventos de interpretação de conferência
- Aprender com autonomia (webinars disponíveis nas seguintes associações internacionais: **GALA** - Globalization and Localization Association e **ATC** - Association of Translation Companies - UK).

Vantagens do estágio de tradução

Ao concluir com êxito o estágio, deverás ser, enquanto mentorado do AP ACADEMY, capaz de:

- Ajuizar sobre o papel da tecnologia na indústria da tradução;
- Qualificar a utilidade de diversas ferramentas para a prática da tradução profissional;
- Decidir sobre as ferramentas mais ajustadas à execução do projeto;
- Criar memórias de tradução;
- Mobilizar recursos e metodologias de garantia de qualidade da tradução;
- Conhecer o processo de organização e gestão de projetos de tradução;
- Identificar as principais características de ferramentas orientadas para outros tipos de serviços linguísticos (ferramentas de gestão terminológica, gestão de projetos, localização, garantia de qualidade, tradução automática, legendagem, reconhecimento de voz, correção de escrita, etc.);
- Compreender a tradução enquanto profissão com uma forte componente social, que requer competências de trabalho em equipa, de comunicação e de gestão de tempo, de instruções, de emoções e de recursos (humanos e materiais).





A P | P O R T U G A L
TECH LANGUAGE SOLUTIONS

INGLÊS | ALEMÃO | FRANCÊS | ESPANHOL | RUSSO | CHINÊS | ÁRABE | ITALIANO | HINDI | JAPONÊS

Obrigado



Lisboa

Av. João Crisóstomo, n.º 30, 5º andar
1050-127 Lisboa
Tel.: 213 303 759

Horário:

Seg. - Sex.: 9h-13h | 14h-18h (GMT / WET)

Porto

Av. da República nº 1105
4430-203 V.N. Gaia Portugal
Tel.: 220 945 855

Horário:

Seg. - Sex.: 9h-13h | 14h-18h (GMT / WET)
Sáb.: 9h-13h (só entrega de documentos)

info@apportugal.com | 707 915 855



www.apangola.com | www.apbrazil.com | www.apportugal.com

Anexo V – Apreciação do estágio por parte da entidade de acolhimento



INSTITUTO
SUPERIOR
DE CONTABILIDADE
E ADMINISTRAÇÃO
DO PORTO
POLITÉCNICO
DO PORTO

GEE

GABINETE DE ESTÁGIOS E EMPREGABILIDADE
GRELHA DE AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO

Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas
Licenciatura/Mestrado

Estagiário

Inês Gonçalves dos Reis

Nome:

Empresa

AP PORTUGAL – TECH LANGUAGE SOLUTIONS

Nome:

MARIO JUNIOR

Orientador:

CLASSIFICAÇÃO*

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

1 - ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE

- a - Assiduidade
- b - Pontualidade

				X
				X

2 – AMBIENTE ORGANIZACIONAL

- a - Adaptação ao meio (desempenho do Estagiário)
- b - Capacidade de integração
- c - Capacidade de iniciativa
- d - Capacidade de investigação técnica
- e - Capacidade de organização
- f - Capacidade de trabalhar em equipa
- g - Utilização de material informático
- h - Aplicação de conhecimentos
- i - _____

				X
				X
			X	
				X
				X
				X
				X

3 – PLANO DE ESTÁGIO

- a - Progressão durante o estágio
- b - Componente científica
- c - Componente prática
- d - Cumprimento do plano de estágio proposto
- e -Projeto de Intervenção desenvolvido ^(a)
- f - _____

				X
				X
				X
				X

* Nota: para efeitos de classificação considerar: 1 – Mau; 2 – Fraco; 3 – Suficiente; 4 – Bom; 5 – Muito bom
(a) Caso se aplique

Anexo VI – Certificados das formações realizadas



Certificado

Qualidade - ISO 17100

Certificamos que
Inês Reis

concluiu com sucesso o curso de formação supra.

Mário Júnior - Gestor da formação

Emitido a 2022-01-04

Válido até 2023-01-04

Certificate ID: 3fuvfvalek

Powered by
amazing people with great technology



Certificado

Escritórios Digitais & Teletrabalho

Certificamos que
Inês Reis

concluiu com sucesso o curso de formação supra.

Mário Júnior - Gestor da formação

Emitido a 2022-01-05

Válido até 2023-01-05

Certificate ID: e8czmnwvam

Powered by
amazing people with great technology



Certificado

Internacionalização e Gestão de Conteúdo Digital

Certificamos que
Inês Reis

concluiu com sucesso o curso de formação supra.

Mário Júnior - Gestor da formação

Emitido a 2022-01-12

Válido até 2023-01-12

Certificate ID: i4zxhyh7uj

Powered by
amazing people with great technology



Certificado

Qualidade - ISO 18587 (Pós-Edição)

Certificamos que
Inês Reis

concluiu com sucesso o curso de formação supra.

Mário Júnior - Gestor da formação

Emitido a 2022-02-07

Válido até 2023-02-07

Certificate ID: vxyk1gpank

Powered by
amazing people with great technology



Certificado

Desktop Publishing e Controlo de Qualidade

Certificamos que
Inês Reis

concluiu com sucesso o curso de formação supra.

Mário Júnior - Gestor da formação

Emitido a 2022-05-18

Válido até 2023-05-18

Certificate ID: yyh5kadser

Powered by
amazing people with great technology

Anexo VII – Feedback de revisores

Referência:	TRD2333232475AR_V5_2021_6/3	
Task:	Revision Academy	
Deadline:	22/03/2022 17:00 UTC	
Source language:	English (en)	
Target language:	Portuguese (Portugal) (pt-PT)	
File:	1 file	
DZN4019TW User manual_DTP_TRD_ [REDACTED]		
Original	Tradução	Revisão e [comentário]
Turn or tighten screws:	Rodar ou apertar os parafusos:	Rodar ou apertar parafusos: [é mais correcto suprimir o artigo definido, que dá a ideia de que são “determinados” parafusos]
jewellery	Jóias	joias [de acordo com o AO-90]
Hidden wiring	Fiação oculta	Cablagem oculta [“fiação” dá ideia de operação têxtil]
Apply pressure only in direct line with the bit	Aplique pressão com a broca apenas em linha direta	Aplique pressão com a broca apenas em linha reta [não dá a ideia do alinhamento que tem de existir entre o parafuso e a broca, uma linha recta e não inclinada]
Battery tool use and care	Use e manutenção de ferramentas com bateria	Uso e manutenção de ferramentas com bateria [gralha]
5V 1A Max.	5V 1A Max.	5 V 1 A Máx. [as unidades são separadas dos números]
(1) This device may not cause harmful interference, and (2) this device must accept any interference received, including interference that may cause undesired operation.	(1) Este dispositivo não deve causar interferências prejudiciais e (2) este dispositivo deve aceitar quaisquer interferências recebidas, incluindo interferências que possam causar um funcionamento indesejado.	(1) Este dispositivo não pode causar interferências prejudiciais e (2) este dispositivo tem de aceitar quaisquer interferências recebidas, incluindo interferências que possam causar um funcionamento indesejado. [creio que “deve” não exprime a obrigatoriedade que me parece resultar do “may not” e do “must”]
pursuant to part 15 of the FCC Rules.	segundo a parte 15 das Regras FCC	segundo a Parte 15 das Regras FCC [uma questão de uniformização, dado que já antes aparecia “Parte 15”]
Screwdriver stops rotating during use	A chave de fendas para a rotação durante a utilização	A chave de fendas deixa de rodar durante a utilização [a utilização de “parar” neste contexto dificulta a leitura]
Bit cannot be installed	Não é possível instalar a ponta	Não é possível instalar a broca [ao longo do texto utilizou-se “broca” para “bit”, o que me parece correcto]
Notas: excelente.		

Fernando Oliveira,
22/03/2022

Referência do projeto	Comentário
TRD8676097574CB/2	Pré-edição do documento. Remeto a avaliação deste projeto a apenas metade do ficheiro, pois a Inês foi desviada para outros projetos a meio da pré-edição. No geral, a pré-edição apresentava uma boa qualidade, apesar de ter algumas inconsistências na terminologia e frases coladas à ordem seguida pelo inglês. (Ex: "Um documento foi criado" em vez de "Foi criado um documento". De notar que este colocão das frases na ordem do inglês é comum a todos os elementos do Academy.
Prj164659/3	Seguiu os documentos de referência, tendo sido efetuadas apenas pequenas alterações para melhorar a qualidade do produto final. Nada de relevante a apontar.
TRD8925774769CB/4	Pré-edição de parte do ficheiro em conjunto com a Sandra. Tal como a Sandra, denotaram-se algumas inconsistências terminológicas, números não editados e frases que não seguiam a ordem correta em português, sendo que estas ocorrências não afetaram em grande medida o trabalho positivo que desenvolveu neste projeto.

Anexo VIII – Respostas de fóruns

Q: How do you approach poorly written source texts?

Thread poster: Artaxiad



Artaxiad
Norwegian to English
+ ...

May 12, 2004

I guess this is mainly a problem with fiction texts, where the integrity and flair of the author should be taken into consideration.

I'm a student with the University of Oslo in Norway, and am currently taking a course called 'Translation II'. During the run of the course, we've been given several homework assignments, some of which have been extracts of fictional literature. Often poor fictional literature.

'Poor' here (maybe not so) obviously refers to the linguistic parts of the text. I'm not suggesting changing the plot or pace of a text. But when the source text is so poorly written that you feel very able (and tempted, might I add) to give the translation a superior level of linguistic quality; how do you deal with that?

Is it somehow unfaithful not to reproduce, say, repetitive language (when it's clearly not there for stylistic effect), poorly worded sentences or redundant and superfluous writing? Or is it okay to improve on these in your translation, to raise the standard of the target text?

I feel strongly compelled to do the latter when working with a translation, so I'm wondering if there's any conventional rules or approaches regarding this problem.

Dixi
Artaxiad ▲ Collapse



Marcus Malabad ✓
Canada
German to English
+ ...

ethics

May 12, 2004

<http://www.proz.com/topic/21088>



Terry Gilman ✓
Germany
Local time: 23:07
Member (2003)
German to English
+ ...

You might consider taking the opposite approach

May 12, 2004

.. as an exercise to develop your range. Of course you don't want to produce bad writing for real, but you might try writing a worse, "equivalent," and better translation of the same source text(a page or two).

PS: Just want to add my agreement with Norbert and Tina.

[Edited at 2004-05-12 16:52]



Artaxiad
Norwegian to English
+ ...
TOPIC STARTER

I understand there are other views regarding this issue

May 12, 2004

Marcus: Thanks for your reply and the link. I read the post, but I must admit it did not leave me all that wiser. And I will be so bold as to say that I disagree that the distinctions are as clear cut as you seem to believe.

If our curriculum (Baker:1992, Hatim:2001) is to be taken seriously, several approaches and ideologies exist on how to view a source text and/or a translator's role.

The issue here is really what the most important objective of translations are: Do you aim for the same kind of response/reaction for the target text audience as you predict/believe/know it elicited with the source text audience (compare Nida 1969)? Or is the most important thing to translate the source text as literally and faithfully as possible (formal equivalence)? Or do you view the act of translating as a re-writing of the text, totally independent of the source texts?

In short, do my loyalties lie with the author or the target audience, or with both? Or with the employer? I'm inclined to say that it is definitely not only the first.

Dixi
Artaxiad ▲ Collapse



NGK ✓
United States
Local time: 16:07

Tricky, tricky

May 12, 2004

Artaxiad wrote:

If our curriculum (Baker:1992, Hatim:2001) is to be taken seriously, several approaches and ideologies exist on how to view a source text and/or a translator's role.

Well ... there's your answer, right? 😊

The issue here is really what the most important objective of translations are: Do you aim for the same kind of response/reaction for the target text audience as you predict/believe/know it elicited with the source text audience (compare Nida 1969)? Or is the most important thing to translate the source text as literally and faithfully as possible (formal equivalence)? Or do you view the act of translating as a re-writing of the text, totally independent of the source texts?

Which approach to take really depends on the type of text (including literary genre), the target reader, the purpose of the translation as well as your preference and the client's preference.

I would not say that as translators we are per se obligated (or even entitled) to "improve" on what we consider poorly written texts. But whether or not we should do so anyway can only be determined on a case by case basis.

BTW, I disagree that this is only an issue with literary translations — there are poorly written manuals and contracts and advertisements just as there are poorly written novels, and the best way to approach the challenge will differ for each of these categories. It may be appropriate to improve on a poorly written manual but not on a poorly written contract. On top of that, we would also need to discuss exactly what type of improvement we're talking about.

This is a complex issue and IMO best discussed on the basis of a specific translation project. There are simply too many variables to make meaningful generalizing statements.



Mathew Robinson
United Kingdom
Local time: 22:07
English

Authors Style

May 12, 2004

In a live translation situation through an agency or directly via the author, it should be something that would be identified, discussed and agreed before starting the translation.

Grammar and spelling mistakes would obviously not be reproduced in the target language, but repetitive passages and seemingly irrelevant text may be there for reasons of padding out the volume, or just because it's the authors style of writing.

People buy novels because they like the authors style just as much as they do because they are interested in the subject/genre. ▲ Collapse



Tina Vonhof
Canada
Local time: 15:07
Dutch to English
+ ...

Meaning

May 12, 2004

I like to think that as a translator, my first task is to convert the MEANING of the source text into the target language. That leaves me a certain amount of room to improve on a poorly written text. The question is: what did the writer INTEND to say and how will this be understood by the reader?

It also depends on the type of document and the target audience. For example, when translating correspondence, contracts, and legal documents, I would stick more closely to the source text but still make sure it is understandable. For manuals or instructions, I would take a little more liberty and aim for maximum clarity.

In any case, it is always best to get the client's perspective: does the client want a literal translation that reads poorly or does he/she want a text that reads well. So far, my clients have always opted for the latter and that is what I feel most comfortable with. ▲ Collapse



Artaxiad
Norwegian to English
+ ...
TOPIC STARTER

Let's specify

May 13, 2004

Thanks for all the replies!

Norbert Gunther Kramer wrote:

BTW, I disagree that this is only an issue with literary translations — there are poorly written manuals and contracts and advertisements just as there are poorly written novels, and the best way to approach the challenge will differ for each of these categories.

Norbert: I never meant to imply that this was only an issue with fictional texts. My sentiment is rather that, a text that serves a pragmatic purpose, like a manual, is only validated by the usefulness for the reader. It's not like the author of the manual had something important to say about society, moral or philosophy.

Ads is more of a borderline issue, I think. There's also a difference between poster ads, brochures etc.

To comply with your wishes, let's take the text I'm translating right now, to eliminate the generic aspect of the discussion.

It's a sort of a "picture book" from WWII, with extensive comments about daily life for Norwegians during the occupation. It's written in a prosaic and impersonal style. The extract I'm supposed to translate is filled with bad grammar, repetitive language, redundancies and ambiguities/inaccuracies.

My initial thoughts are that the English-speaking readers won't miss those flaws, and the text doesn't lose anything integral if these were improved/eliminated. Is there any obvious reason I should *not* try to improve this text in the translation?



Alex Jones
United Kingdom
Local time: 22:07
Japanese to English
+ ...

it's in your interest to write well

May 13, 2004

If someone thinks the translation is written badly, a portion of that blame (whether justified or not) falls on the translator. And it never hurts to be associated with a successful work of fiction.

Now, I'm not saying stay up all night and write a totally new best-selling novel, but certainly you should try to 'fix' the most obvious mistakes, such as confusingly ordered or overlong sentences. I mean it's not as if you are adding in a new character or something. I would think twice about duplicate words, as that would be obvious to the writer too so it might be intentional. ▲ Collapse



Richard Lawson
Local time: 23:07
Norwegian to English

Faithful translation

May 13, 2004

One of the most important skills of the translator is the ability to write well in the target language. Unfortunately, the people who write the original texts often do not write particularly well. We are rarely privileged to translate a text that is exceptionally well written.

Of course, the way we deal with this must vary according to the type of text we are translating. Legal texts must often be translated "warts and all", although I see no excuse for reproducing bad grammar.

It is hardly "unethical" to help the writer to succeed in saying in the target language what he/she intended to say in the original text, even when he/she failed miserably in doing so. Of course, our interpretations are not necessarily correct, and we may not be so fortunate as to have access to the author so that we can confirm them. However, a translation always involves an interpretation of the original text.

Where literary texts are concerned, we may be required to reproduce several layers of meaning, cultural references, allusions, literary devices, etc. This requires a much freer approach to the text. Indeed, it is possible to produce several translations of the same text that are all very different and all equally valid. ▲ Collapse



NGK ✓
United States
Local time: 16:07

Agreed

May 13, 2004

Artaxiad wrote:

let's take the text I'm translating right now, to eliminate the generic aspect of the discussion.

It's a sort of a "picture book" from WWII, with extensive comments about daily life for Norwegians during the occupation. It's written in a prosaic and impersonal style. The extract I'm supposed to translate is filled with bad grammar, repetitive language, redundancies and ambiguities/inaccuracies.

My initial thoughts are that the English-speaking readers won't miss those flaws, and the text doesn't lose anything integral if these were improved/eliminated. Is there any obvious reason I should *not* try to improve this text in the translation?

This sounds like a case where improvements by the translator are warranted.

Of course, this is apparently a school assignment. In "real life" you would most likely be doing this for a client, probably a publishing house. In this case, there are two considerations:

- If at all possible, the issue should be discussed and hopefully agreed on with the client. (Hopefully, your client wouldn't be the author himself, in which case superhuman diplomatic skills would be called for.)

- Your fee. It is comparatively easy to translate a well-written text. It is harder to translate a badly written text by producing a badly written translation. But the hardest and, more importantly, most time-consuming task is to take a badly written text and turn it into a well-written translation. In real life, an important consideration would be the fee you're getting for your assignment: is it high enough to compensate you for not only translating a text but, essentially, rewriting it? If not, you may be inclined to limit your improvements to a bare minimum.



Artaxiad
Norwegian to English
+ ...
TOPIC STARTER

Thanks

May 13, 2004

Yes, it is a school assignment, so unfortunately no fee to discuss.

Thanks for all your help. It has made me feel more confident about my choices and their "justification", if you will.

Dixi
Artaxiad

Pages in topic: [1 2] >

How do you deal with poorly written source texts?

Thread poster: elm0505



elm0505
Spain
Local time: 23:07
French to Spanish
+ ...

Hi everyone

Nov 15, 2013

I'm fuming right now and I came here to vent off a little bit before I keep on working on one of the worst written texts I've ever come across. It is a Spanish text supposedly written by Spanish people, and upon a first glance I assume that it was composed copying and pasteing fragments from too many different texts. It is really a nightmare to translate as too many sentences don't make any sense at all and I have to rack my brains to come to a logical conclusion, even though sometimes there isn't any at all.

This is very time-consuming so I'm seriously considering translating every sentence by itself, not paying attention to the whole of the text.

I surely am going to have a word or two with the client when I deliver this "thing", specially as this text is supposed to be posted on their website. They really need to get their act together or at least hire a decent writer if they want to keep doing business.

How do you deal when in a similar situation? ▲ Collapse



Janet Ross Snyder ✓
Canada
Local time: 18:07
Member (2006)
French to English
+ ...

garbage in-garbage out

Nov 15, 2013

I've come across a few of these myself, and although the temptation is there to throw up my hands in frustration, a better strategy might be to try to work with the original author to edit the source text before going ahead with the translation. This, of course, would require a great deal of tact and a very good working relationship with the client. It's not pleasant to be told that your document is unreadable.



Neil Coffey ✓
United Kingdom
Local time: 22:07
French to English
+ ...

Ask for clarification on parts that don't make sense

Nov 15, 2013

There are different opinions on this. I would tend to take the view that, even if the source text is poorly written, part of what the client is paying you for is that you are a professional writer and so your aim should still be to turn in a well-written text-- or at least to do the best you can in the circumstances. (And of course, this extra work isn't free: you need to establish a rate that takes into account the extra work created as a result of the poor quality of the source text.)

Now, having to put extra work in to untangle a poorly written text is one thing. But if there are parts of the text that are actually inconsistent or incomprehensible, then you need to go back to the client and get them to clarify. ▲ Collapse



Kevin Fulton ✓
 United States
 Local time: 17:07
 German to English

Big problem with multinationals

Nov 15, 2013

This has been a problem for some time. For example, German-based multinational corporations have a number of engineers and other professionals whose native language isn't German. Consequently many of the documents emanating from these companies use German words, but the syntax is based on Romance, Slavic or another language group. Late last century I translated a large IT project that was obviously authored by several different people, only one of whom was apparently a native speaker of German, judging by the grammatical and syntactical errors.

Native speakers aren't blameless, either. A few weeks ago I translated a document written by a German physician who had absolutely no concept of intelligible style or sentence organization. I ran a couple of passages past an educated native speaker of German who had a difficult time with the linguistic spaghetti.

I'm sure the same thing is true for documents written in "English", likewise causing headaches for translators working into other languages. ▲ Collapse



EvaVer (X) ✓
 Local time: 23:07
 Czech to French

What I do? I swear!

Nov 15, 2013

I mostly refuse such work, but if already accepted, I ask questions and warn the client that the source is garbage - but with the horrible knowledge that it will be my fault anyway...



LilianNekipelov ✓
 United States
 Local time: 17:07
 Russian to English
 + ...

Yes -- this is a real problem, especially in some languages.

Nov 15, 2013

Many texts are really badly written, especially texts in the humanities, including academic papers and thesis. Sometimes they resemble pure "fluff"-- just mumbling -- a sequence of redundant, meaningless phrases for hundreds of pages.

Unfortunately, I often reject such texts, since there is nothing that can be done about them. You cannot ask someone to rewrite their Master's Thesis.



artsipoppa
 Russian to English

Tell them

Nov 15, 2013

Let the agency/client know.



elm0505
 Spain
 Local time: 23:07
 French to Spanish
 + ...

Are there limits to fidelity?

Nov 15, 2013

Neil Coffey wrote:

There are different opinions on this. I would tend to take the view that, even if the source text is poorly written, part of what the client is paying you for is that you are a professional writer and so your aim should still be to turn in a well-written text-- or at least to do the best you can in the circumstances.

I've always had this dilemma regarding "bad" source texts. Am I, as you suggest, supposed to write a decent text even if the original one is badly written? Or do I have to keep accuracy to a maximum and produce an ugly target text from an ugly source text

Well, I guess this is another different matter that could be well discussed in another thread...



Kay Denney ✓
France
Local time: 23:07
French to English

GIGO unless they clarify

Nov 15, 2013

I would make a list of the most glaring whoppers and ask for clarification.

As I-don't-remember-who-sorry suggested here, you might want to state that if they don't reply by X time (leaving you time to finish up properly and proofread the whole in light of their answers) you will assume it means "this" and will translate accordingly.

If you really have no idea, then "this" will simply be a nonsensical sentence and the GIGO principle will apply.

In my early days I would spend ages stretching and twisting the text this way and that, trying desperately to make it fit something, anything, then finally admit defeat and call the client, who would then laugh and say "Of course that's total nonsense, what can I have been thinking? let me rewrite that sentence for you" ▲ Collapse



Kay Denney ✓
France
Local time: 23:07
French to English

No it's not your fault!

Nov 15, 2013

EvaVer wrote:

I mostly refuse such work, but if already accepted, I ask questions and warn the client that the source is garbage - but with the horrible knowledge that it will be my fault anyway...

If there is a trace of the questions you asked, then you can at least prove you tried!



Daouda Gassama
Senegal
Local time: 21:07
English to French
+ ...

It's just another big challenge

Nov 15, 2013

First of all, you should inform the client that the source text is poorly written because it could be ground for price and deadline change (of course, you should charge extra fees for the extra time and extra workload).

Then do your best to translate it accurately. Lastly, note all inconsistencies of the source text and ask the client more explanations about it.

Translating poorly written source text is just another big challenge to prove our capabilities in translation and editing. It also makes a difference between experienced translators and beginners. ▲ Collapse



Meta Arkadia
Local time: 04:07
English to Indonesian
+ ...

GIGO is a no-go.

Nov 16, 2013

With GIGO, you'll shoot yourself in the foot. You only have two options: Either refuse the job, or accept it and turn it into a terrific text in your language, as usual.

The source language is completely irrelevant. Well, completely irrelevant, minus for two persons, you - the translator - and the editor, if any. The target group won't even know of the existence of the text in any other language.

Cheers,

Hans

[Edited at 2013-11-16 01:20 GMT]



neilmac
Spain
Local time: 23:07
Spanish to English
+ ...

Depends on client

Nov 16, 2013

I'm usually lucky enough to be able to ask my clients directly when something is gibberish and they are usually surprised. Academics especially are notorious for copy-pasting from previous works without much attention to accuracy or relevance.

On the rare occasions when the text is so bad as to be unintelligible, after checking with a source language native speaker to make sure the fault really is with the text and it's not just my lack of understanding, I usually ask the client t... See more



Tom in London
United Kingdom
Local time: 22:07
Member (2008)
Italian to English

My worst experience

Nov 16, 2013

My worst experience in this area was translating a very long book from Italian to English. When I had completed my translation the Author congratulated me on having written a book that read much better in my English than in his Italian.

He then proceeded to completely rewrite his book and I had to translate it all over again.

That was the first, and last time I'll ever do that !



Neil Coffey ✓
 United Kingdom
 Local time: 22:07
 French to English
 + ...

Beware of theoretical philosophy...

Nov 16, 2013

elm0505 wrote:
 I've always had this dilemma regarding "bad" source texts. Am I, as you suggest, supposed to write a decent text even if the original one is badly written? Or do I have to keep accuracy to a maximum and produce an ugly target text from an ugly source text

This is something that philosophers and academics who don't actually make their living as real-world translators love to mentally masturbate over. But in practice, most clients aren't going to say: "the source text is a bit crap, so please can you make sure the translation also sounds crap".

Now, there will be obvious exceptions to this. For example, I translated a report recently on the state of education in Mexico which included interviews with non-native Spanish speakers and where part of the *raison d'être* of the report was to show exactly how those non-native speaking teachers expressed themselves. Under those circumstances, the need for "fidelity" was obviously prevalent. But I think such cases are exceptions and will hopefully be 'obvious when you see them'.



Kay Denney ✓
 France
 Local time: 23:16
 French to English

You do need to know the end purpose of the text

Nov 16, 2013

Neil Coffey wrote:
 elm0505 wrote:
 I've always had this dilemma regarding "bad" source texts. Am I, as you suggest, supposed to write a decent text even if the original one is badly written? Or do I have to keep accuracy to a maximum and produce an ugly target text from an ugly source text

This is something that philosophers and academics who don't actually make their living as real-world translators love to mentally masturbate over. But in practice, most clients aren't going to say: "the source text is a bit crap, so please can you make sure the translation also sounds crap".

Now, there will be obvious exceptions to this. For example, I translated a report recently on the state of education in Mexico which included interviews with non-native Spanish speakers and where part of the *raison d'être* of the report was to show exactly how those non-native speaking teachers expressed themselves. Under those circumstances, the need for "fidelity" was obviously prevalent. But I think such cases are exceptions and will hopefully be 'obvious when you see them'.

Unless the reason for translating the text is absolutely obvious, you need to ask what the translation is going to be used for. Sometimes a native speaker is just going to use it to check a few facts and come up with a few sentences for a section on the country producing the source, in a report covering all the countries their firm is operating in. In which case it's not necessarily important for the translation to be endlessly polished. Then again, it might be sent straight to the printer. It's always best to make sure even before you start working (my rate will vary considerably as will my attitude to the job and whether I will even accept it).



Kevin Fulton ✓
 United States
 Local time: 17:16
 German to English


Not always possible to get to the source

Nov 16, 2013

Nowadays, numerous large projects go through a few levels of outsourcing, so it's impossible to get back to the author/originator of the text in a reasonable amount of time. The other issue has to do with the reluctance of an agency to contact the source, for fear of displaying ignorance. I've experienced several instances when the agency said I'd have to figure things out on my own.

Then there's laziness ...

Once when working with a direct client (large multinational), I got in touch with the author (who had written the text years before for an internal publication). He replied that he had written the article too long before, and no longer remembered anything about it, so I was free to delete the sentences that didn't make sense. ▲ Collapse



 **Phil Hand** ✓
China
Local time: 05:16
Chinese to English


As much a problem of authority as of sense Nov 17, 2013

Kevin Fulton wrote:

...I've experienced several instances when the agency said I'd have to figure things out on my own...
...the author...replied that he had written the article too long before, and no longer remembered anything about it, so I was free to delete the sentences that didn't make sense.

My experience is similar to Kevin's. If you can get hold of someone who has authority over the text, you can generally have an intelligent conversation with them. They'll either say, do what you want, it's not that important; or you have to stick to convention X; or something else.
But often we can't talk to anyone who has actually engaged meaningfully with the text. To many PMs it's just a job number, and they have neither the remit to allow changes nor the insight into the text to see what needs to be done. This is why a good PM is such a wonderful thing.

 **Lukasz Gos-Furmankiewicz** ✓
Poland
Local time: 23:16
English to Polish
+ ...



The economic and legal side of this Nov 17, 2013

Okay, I know you folks are talking about translation theory and practice here, but the issue at hand, especially the way it was illuminated in the last posts above, ultimately leads to a business problem:

Risk allocation.



And one of the methods of risk managements is risk transfer. Guess what. Look at your translation contract. Rrrright.


Make sure you don't become the carrier of risk associated with poor quality source texts.

 **Sarah McDowell** ✓
Canada
Local time: 16:16
 **Member (2012)**
Russian to English
+ ...

My strategy for dealing with poorly written source texts Jan 12, 2014



The first thing I do if I sense it is poorly written is to see how extensive it is. If it's just a small part of the text I will ask the client for clarification. However, if I sense that the whole text is very poorly written and contains poor grammar, spelling and so forth in the source text then it is simply too difficult to figure out what the author is saying and I will refuse the project on the grounds that the source is of poor quality.



 **Ricardy Ricot** ✓
Local time: 17:16

Clarification Jan 13, 2014

Yes, I would ask for clarification. Perhaps working with the client and try to find out what the author had in mind. Trying to find more information about the text.

Bad source text Thread poster: **Gregory Lassale**

 **Gregory Lassale** ✓
United States
Local time: 16:06
 **Member (2019)**
English to French

Sep 26, 2018

Hello all,

I recently worked on a few translations where the quality of the source text was, shall we say, not very good. The grammar was ok but things were often phrased poorly. I was wondering what people do when the source text is bad, especially stylistically.

Do you reflect that in your translation, or do you clean it and double up as a copywriter?

Thanks,

Gregory

[Edited at 2018-09-26 01:40 GMT]



Kevin Fulton ✓
 United States
 Local time: 17:06
 German to English

Do your best

Sep 26, 2018

Gregory Lassale wrote:

I recently worked on a few translations where the quality of the source text was, shall we say, not very good. The grammar was ok but things were often phrased poorly. I was wondering what people do when the source text is bad, especially stylistically.

Do you reflect that in your translation, or do you clean it and double up as a copywriter?

[Edited at 2018-09-26 01:40 GMT]

This unfortunately is not an uncommon problem. I've always found such texts to be demotivating. However, you are ethically bound to produce a document that reads reasonably well in the target language, even if it requires extensive sentence restructuring.

On the other hand, some texts are beyond salvation. Many years ago I translated an extensive procedures manual in which the instructions to cancel a record were the same as to store it (and repeated hundreds of times throughout the manual). Since this project had passed through several levels of agencies, there was no way to find out the correct commands, so GIGO was unavoidable.



DZIW (X)
 Ukraine
 English to Russian
 + ...

#1 Do always consult with the client first!

Sep 26, 2018

While poor quality and phony PEEMT is rather common, the translator should always (1) inform the client and (2) negotiate everything BEFORE charging extra--even for a good reason.



Josephine Cassar ✓
 Local time: 23:06
 Member (2012)
 English to Maltese
 + ...

I think

Sep 26, 2018

I think I would first point this out to the PM who sent me the file and then, possibly, ask if X was supposed to mean so and so etc. Very often, the answer would be that the PM will first ask or confirm with the client; sometimes the PM comes back to say that I am to put 'illegible' or to put it as I understood it. I follow the PM's direction then. No, I don't think I will copy the source text but produce something that is understood as I had understood but making a note that the source text was very poor. ▲ Collapse



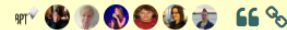
Sheila Wilson ✓
 Spain
 Local time: 22:06
 Member (2007)
 English
 + ...

Don't set yourself up for blame

Sep 26, 2018

I think a lot will depend on the type of text. If you're translating a patent, a marriage certificate or a diploma then the translation must be faithful to the original. If it's for marketing etc., then you have more freedom.

But the important point here is not to lay yourself open for blame for producing a text that reads poorly or is too free a translation. Instead, tell the client, in writing, that the source text is poor. If it really is too poor to understand, send it back for revision, or simply for someone else to work on. ▲ Collapse



Sara Massons ✓
 France
 Local time: 23:06
 Member (2016)
 English to French
 + ...


It depends on the type of text and target audience

Sep 26, 2018

I think we obviously have to communicate with the client in that case. In the case of an agency, they will probably ask the end client who will not necessarily respond... I had to face this a number of times.

As to choose what to do, I personally think the choice strongly depends on what type of text I'm translating and for what kind of audience. In the case of a legal document, there is no clue, you have to stick to the source. For a technical manual or internal HR documents or any professional communication, I would clearly improve quality in my translation so that everything is clear for the audience and "easy to read". For marketing or literal translation, or for video subtitles, I would generally try to reflect the poor style of the source text unless the client ask me to improve it. Sometimes it can be done on purpose and even if it's not, I think we have to remain in the tracks of the author.

I think you can compare this to what we do with the levels of language. If the source is very polite, you would render it in a polite way while if you have slang in the source, you'll put slang in the target as well but not necessarily at the same place or on the same words to remain "fluent" in your language. ▲ Collapse

 **Sandra & Kenneth Grossman** ✓
Israel
Local time: 00:06
French to English
+ ...

GIGO Sep 26, 2018


In this case: Garbage In, Gold Out.

If you can figure out what it's all about, don't bother telling the customer. Nobody wants to know, nobody wants to handle this and probably nobody cares. Otherwise, they would already have noticed.
Do the best job you can do and move on with your life.
Next time, charge them more.

😊

Sandra

[Edited at 2018-09-26 08:47 GMT]

 **Kay Denney** ✓
France
Local time: 23:06
French to English

GIGO? Sep 26, 2018


I mainly work in marketing.
I'm not sure that I agree with GIGO. If you just produce a text on a par with the source, and somebody tells the client that the target file reads poorly, it'll be your fault.

Rather than telling the client that they've sent me a heap of rubbish (after all they are often the person who wrote it, or may pass my remarks on to the author), I prefer to ask lots of questions to clarify the meaning. The sheer volume of questions is proof, without having to criticise, that the text has been poorly drafted. And you soon get an idea of how seriously the client takes quality when you look at their answers. I always phrase my questions so that the client can simply say "yes" to what I consider to be the most likely interpretation. Then I point out that if I haven't had answers by the time I'm supposed to deliver, that I will decide that the answer is always yes.

If someone just says "yes to all your suggestions, thanks" I take it that I'm on the right track and just forge ahead, maybe adding comments instead of asking any further questions. Always best to cover your back.

If I get a few curt answers that don't really help, with other questions being completely ignored, or labelled with a cryptic "have to see Joe about that" when I have no idea who Joe is, I'll just do my best, leaving in the questions (unless Joe provides answers), and I'll deliver like that, up to them to sort it out afterwards.

Sometimes I'll get long, detailed answers, and maybe spend an hour or so on the telephone getting to the bottom of various points, in which case I'll then take the trouble to properly research all clues and leads the client gives, and they'll get the best possible translation from me. ▲ Collapse

 **Philippe Etienne** ✓
Spain
Local time: 23:06
Member
English to French

No-GIGO Sep 26, 2018


So long as it can be understood, an awfully written source text is never an excuse to write an awful translation. Unless the source text is awfully written for a reason other than incompetence/lack of time.
No. No. No.

Customers can easily get dreadful translations through the readily available online machine translators.
If they turn to a translator, it is because they want another kind of service.

I've translated German English, French English, Japanese English, Spanish English, Nordic English, Chinese English, Russian English, Czech English, and I've never thought of delivering dung with the excuse that it's double Dutch.

If it's a recurring issue that severely hinders your productivity, I'd bring the need of a rate increase (due to more time spent deciphering the content) to the attention of the customer.

Philippe ▲ Collapse

 **Joakim Braun** ✓
Sweden
Local time: 23:06
German to Swedish
+ ...

Tell your customer Sep 26, 2018

Sandra& Kenneth wrote:

Nobody wants to know, nobody wants to handle this and probably nobody cares. Otherwise, they would already have noticed.

[Edited at 2018-09-26 08:47 GMT]

Strongly disagree. If there are errors and bad style in the original, I would most certainly want to give the agency a chance to tell the end customer. Sending that e-mail takes about a minute of my time. I've seen a lot of errors in texts by organisations that definitely care about such things and appreciate being told. YMMV.

(If I have a customer with the attitude that you describe, they manage to hide it very well....)

[Bearbeitet am 2018-09-26 18:07 GMT]



Jorge Barriuso Aguirre ✓
Spain
Local time: 23:06
Spanish to English
+ ...

Like everyone said it really depends

Oct 1, 2018

I've worked most of my career translating academic research and while the authors are generally very bright people, they are not always effective writers. Making sure the style of my translation is as good as it can be, no matter the quality of the source text is one of the reasons my clients keep sending me work. It does sometimes require quite a bit of back and forth with the author to clarify ideas, but they are trying to get their research results published in high impact journals and really appreciate a translator who goes the extra mile to make sure their work is understood.

Garbage in, gold out, as someone mentioned upthread.

[Edited at 2018-10-01 16:02 GMT] ▲ Collapse



Samuel Murray ✓
Netherlands
Local time: 23:06
Member (2006)
English to Afrikaans
+ ...

Aah, the question about style...

Oct 2, 2018

Gregory Lassale wrote:

The grammar was ok but things were often phrased poorly. I was wondering what people do when the source text is bad, especially stylistically. Do you reflect that in your translation, or do you clean it and double up as a copywriter?

This is a question often discussed by translation students in the classroom, but one's opinion seldom remains the same after you've done some real-world translations for a while, right?

Should you (or should you be able to) take care of style at the same time that they take care of meaning? Or should these be two separate tasks -- first translate the meaning, and then fix the style so that it is appropriate for the target audience? If you try to do both at the same time, then there is the risk that you will simply copy/mimic the style of the source text, instead of ensuring that the target text ends up with an "equivalent" style that is most appropriate for the target language culture. I suppose this discussion may be rather academic if the source and target language cultures are similar enough or have similar enough writing styles that one can get away with doing the style on the fly during the transfer-of-meaning stage.

Sometimes when I get an incomprehensible source text, then, if I have time, then I may try to improve the text, especially if the source text is actually not correctly written for its intended target audience. However, sometimes I simply don't have time to fix things, and I stick closer to the form of the original. I'm not happy with such a translation, but I know my limits.

Allow me to admit that I'm not very good at copywriting -- so with me personally there is quite a risk that I will actually end up simplifying the text (while retaining all meaning), which isn't always appropriate. We should not forget, also, that sometimes authors are deliberately obtuse. In addition, over-analyzing a text may result in translating a meaning that was not intended (or that the author did not realise might be understood that way).

The ideal circumstance is that the translator translates text that has been written specifically for translation in mind (or at least, that is publication-ready). Unfortunately too many people think that they can write, and they forego the services of an editor or an actual copywriter to fix their texts before sending it off to the translator.



José Henrique Lamensdorf ✓
Brazil
Local time: 18:22
English to Portuguese
+ ...
In memoriam

A video dubber gave me the answer

Oct 2, 2018

A rather famous dubber, dubbing director, and video translator with whom I had the privilege of working several times, once pointed me to the answer.

Emerson Camargo said:

"No matter if the original actor/person onscreen stutters, falters, chokes, mispronounces, or even changes subject in the middle of a phrase, the dubber is not allowed do it (unless it befits the script, of course!), otherwise the result will look unprofessional."

So I transposed it to text translation:

I am expected to unravel the original meaning of the idea - no matter how poorly stated it was - and express it as clearly and accurately as I can in the target language.

Incidentally, as we haven't been in contact for ages, I googled him, and learned that he is no longer among us since April last year. RIP Emerson!

<https://vejasp.abril.com.br/blog/memoria/morre-o-dublador-emerson-camargo/> ▲ Collapse



Gerard Barry
Germany
Local time: 23:22
German to English

The "in-house experience" with bad source texts

Aug 25, 2021

As an in-house translator, I regularly have to translate very poorly written and/or ambiguously worded source texts. It's mind-numbing. And the worst thing is, as an in-house translator, you can't refuse to translate what lands in your inbox.



Koume
Local time: 07:22

I would tell the client/agency

Sep 1, 2021

I sometimes come across the problem too. If I find it as a critical issue (even if I can "guess" the message), I would inform the client/agent to avoid being complained as my mistranslation. If I need extra time to translate due to the issue, I will negotiate for extra charges.

 **Robert Rietvelt** ✓
Local time: 23:22
Member (2006)
Spanish to Dutch
+ ...

It could be worse Sep 4, 2021

Daryo wrote:

Nicholas Isard wrote:

Your text might well be in fact very "coherent", but within a different kind of logic.

What about an incomprehensible source text (grammar wise spoken) without any logic?

Let me tell you a short story


I once received a sloppy source text in Spanish, which on itself is bad enough. The autor started with "earthly" politics and ended up in UFO's and stuff coming from other solar systems.

I thought I had translated the text wrongly, I couldn't make head nor tails of my Dutch translation. As it turned out, my translation was correct, the content was total nonsense.

This was one of those times you start to doubt your abilities as a translator.

[Edited at 2021-09-04 17:56 GMT]

[Edited at 2021-09-05 17:49 GMT]

 **Asteria Lan**
Local time: 05:22
Member (2021)
Chinese to English
+ ...

Some agencies would fix the bad source text first Sep 21, 2021

Last week I received a poorly written file in English from one of the agencies I work with. They asked me to review the file and "look for errors that may make it hard to understand for native English speakers".

I assumed it was a poorly done translation and reviewed it as I would've reviewed any other translations. Wrote suggestions for the translator in the comment section too.

Turns out there was no "translator". It was the source text their client provided and they wanted it translated into Russian.


Another agency I work with would have their in-house reviewers or sometimes project managers improve the source text first before they send the files out to their translators. This is reserved for the most important/lucrative projects only, though. Usually the translators will have to face the poorly written source texts alone, lol.

I would try to make my translation look decent no matter how bad the source text was, as long as I'm being reasonably compensated.

Usually the client won't pay me extra for the quality of their source text though. In that case I'd still make sure I'm not making any major grammatical or factual mistakes, but they'll need to accept that the translation won't look too pretty/won't be 100% accurate.

[修改时间: 2021-09-21 03:48 GMT] ▲ Collapse

When your source text is not well written... Thread poster: Furorensu (X)

 **Furorensu (X)**
France

Apr 29, 2019

Hello 😊

I am not sure this has been discussed before, but here is just a discussion question out of curiosity from a translation newbie:

What do you do when the text you are translating is, well... badly written ? (e.g. language mistakes or poor content flow..)

Is the job as a translator to transcribe the text as it is with its flaws, or will you correct it your way to make it smoother in your target language for your target audience?

Have you ever had this experience? ▲ Collapse



Teresa Borges
 Portugal
 Local time: 22:07
[Member \(2007\)](#)
 English to Portuguese
 + ...

Yes, I've had that experience

Apr 29, 2019

I've had that experience and my attitude depends on the client and on the kind of errors the text contains. I must say first of all that usually I don't accept a job without having a good look at it, but even so things happen. So, if it's a new client what I'll do is saying that this paragraph or sentence or whatever needs reviewing and I'm not able to translate it as is; if it happens to come from a long-standing customer I'll either translate correcting it if I understand what is meant or I'll ask a few questions until I'm satisfied that I can keep on translating. I must say that a long time ago I had to translate a transcribed text (a speech) and clearly the transcriber didn't master English and though I tried my best the result was disastrous. In the end, I didn't invoice it...

[Edited at 2019-04-29 10:16 GMT] ▲ Collapse



Elizabeth Tamblin
 United Kingdom
 Local time: 22:07
[Member \(2012\)](#)
 French to English

Hi!

Apr 29, 2019

If there are spelling mistakes, grammatical errors, etc., I will not replicate them in my translation. However, I will occasionally retain ambiguity of meaning, if no clarification can be obtained from the client.



Tom in London
 United Kingdom
 Local time: 22:07
[Member \(2008\)](#)
 Italian to English

Lazy author

Apr 29, 2019

This can indeed lead to difficulties.

I used to do quite regular translations for an Italian author. As time went on, his original text became more and more lazy as he realised that my translation actually improved, in English, on his carelessly written Italian.

Finally he gave me a text so badly written that it was nothing more than a draft which he expected me to miraculously translate into a perfectly written English document. I had become so frustrated by his attitude that I decided to do a literal translation of what he had written, which of course read really badly in English.

This made him very angry and he didn't pay me. That was the last translation I ever did for him.

So you have to be careful! ▲ Collapse



Baran Keki ✓
 Turkey
 Local time: 00:07
[Member](#)
 English to Turkish

If you're translating from English

Apr 29, 2019

You should expect almost half the texts you receive for translation to be written by non-native English speakers. At least this has been my experience. I've learned to decipher broken English, and I think it's a valuable 'skill' that you acquire over the years.

Some Europeans (like the Dutch, Scandinavians etc.) write in good English, grammar, punctuation etc., but still they can not beat a native English speaker.



Jan Truper ✓
 Germany
 Local time: 23:07
[Member \(2016\)](#)
 English to German

fix it

Apr 29, 2019

Furorensu wrote:

What do you do when the text you are translating is, well... badly written ? (e.g. language mistakes or poor content flow..)

Is the job as a translator to transcribe the text as it is with its flaws, or will you correct it your way to make it smoother in your target language for your target audience?

Have you ever had this experience?

I've had this experience a lot, to the point that I added this line to my CV a few years ago:
 "I think while I work (i.e., I make sure my translation makes at least as much sense as the source text)."

I think the translator should deliver the best possible text in his/her target language, irrespective of how flawed or inane the source text might be.
 (The only exception being if the source text is willfully faulty or inane, of course.)



Kevin Fulton ✓
United States
Local time: 17:07
German to English

Consequence of multinationalism

Apr 29, 2019

There are any number of reasons for poorly-written documents: lazy authors, lack of editing or quality control. A few years ago a major multinational decided that it was cheaper to have manuals written in English by local technicians, then edited by native English speakers. In many instances, the results have been gibberish, requiring frequent queries ("return to shape" = "replace all covers"). Editing these documents has proven to be a steady – if sometimes frustrating – source of income.

Around the turn of this century I was involved in a major translation project involving hundreds of documents relating to software procedures, allegedly already in use at a major automaker. Although the text used German words, it was plain that few of the authors were native speakers of that language. What was more disturbing was that many of the described procedures could not be successfully executed, as they contradicted one another ("Press F1 to continue, cancel with F1") or lacked verbal complements describing the action to be performed. It was obvious that no one had read through the documents in the first place. The agency, of course, was clueless, as they were at the end of a long chain of subcontractors.

Multinationalism has proven to be a double-edged sword. It has provided a lot of work for translators, but much of that work has not been particularly well-paid relative to the amount of toil involved. ▲ Collapse



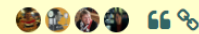
Liviu-Lee Roth
United States
Local time: 17:07
Romanian to English
+ ...

Not only multinationalism

Apr 29, 2019

I have been working for a US government entity and I noticed a decrease in quality of the official documents written by law school graduates! When I come across a poorly written document, I send it back to the client asking for "clarification". Many times I have to suggest the correct wording.

My feeling is that our generation, of dinosaurs, is more exigent with the source text, than the younger generation.



Philippe Etienne ✓
Spain
Local time: 23:07
Member
English to French

Non-native source language is the worst

Apr 29, 2019

in my opinion.

I can cope with typos, grammar issues, awful style, unfortunate homonyms, inconsistencies, unusual trains of thought, dodgy structures or blunders in meaning (green/red, left/right, affirmative/negative...), but a writer with a poor command of the source language is the biggest challenge for me.

If s/he is FIGS (Italian, German, Spanish or French - yes, I have translated English texts from French companies, authored by French people, into French...), I may be able to figure out the original meaning in the respective language, then do an educated guess as to what is meant, but I know nothing about Russian, Chinese or Japanese...

As others have said, unless the intent is clear, writing error-ridden translations on the excuse that "the source text is full of mistakes" is not the thing to do. The service you provide must be usable !

Philippe ▲ Collapse



Furorensu (X)
France
TOPIC STARTER

Thank you all for sharing your experience!

Apr 29, 2019

It is interesting to see everyone's opinion! I am myself confronted with such a document in English right now, and reading about everyone's experience helps me decide what to do. (I understand what is being said, so I will just try to write it better in French!)



Kay Denney ✓
France
Local time: 23:07
French to English

My attitude will depend on the client and the end purpose of the text

Apr 30, 2019

My attitude will depend on the client and the end purpose of the text.

If I have a well-written text with just one glaring typo, I'll point it out to the client as a courtesy.

If the text is so badly written that I'm not sure how to translate it, I'll ask the client for explanations.

I once had to translate some accounts written by witnesses in a law suit. It was important to retain the same flavour to convey the character of the writer. One had produced an account full of contradictions, those contradictions had to stay, however much it frustrated me! Incidentally, the client came back to ask if we could place more emphasis on certain points, adding "very" where the source did not justify it, and we refused (I was doing this job with a sworn translator who would have to stamp it).

While I much prefer to translate well-written texts, I do enjoy the detective work trying to work out what the source text is supposed to say. Once I managed to work out that a paragraph of total gibberish had been typed by a touch typist who had wrongly placed their left hand. I did point that one out to the client.

Basically my attitude is that if the client produces a badly-written text, they have to work harder to help me produce a decent translation. ▲ Collapse



Emma Page
 United Kingdom
 Local time: 22:07
 Member (2017)
 French to English
 + ...

degrees of "not well written"...

Apr 30, 2019

The replies here seem to be referring to quite a few different issues which can come up in source texts.

- 1) non-native writing which is so poor as to be impossible to understand
- 2) grammar/spelling errors which don't obscure meaning but make the translator's job slightly more difficult
- 3) "lazy" writing...a matter of opinion, but I assume this means stylistic errors which could conceivably be replicated in the translation, but which would produce a clunky or unprofessional-sounding target text.

If there are just a few instances of 1 and 2 in a text but most of it is fine, I'll translate what I can and send the client questions or notes where I can't. If the majority of the text is nonsense, I'll ask the client whether they want a gloss/best-effort translation of what is salvageable, or whether they want to have the text corrected before I work on it. Usually the answer is the former, which is fine by me. As long as they have acknowledged the issues with the text, any problems with the resulting translation won't come back to me.

For number 3, I almost always leave the repetition, awkward wording etc. in my translation unless it's very easy to correct. If the client complains, I'm happy to point out the issues with the original and offer my editing services for an additional fee.

The key is to remember what you're being paid to do. Most of us translators will be better-than-average writers in our target languages, but unless you're being paid enough to make correcting the original worthwhile, don't do it! On the other hand, pointing out small ambiguities or errors shows that you are being conscientious and I find that clients are more likely to trust my work and become return clients when I do so. ▲ Collapse



Tom in London
 United Kingdom
 Local time: 22:07
 Member (2008)
 Italian to English

Good people, poor writing skills

Apr 30, 2019

In my main field (architecture and construction), I sometimes find myself having to translate documents written by technical experts who, however, do not write well. This is very understandable, and I am very forgiving because I respect their technical expertise.

[Edited at 2019-04-30 10:26 GMT]



Phil Hand ✓
 China
 Local time: 05:07
 Chinese to English

In defence of non-native English

May 2, 2019

I just wanted to comment that I have had surprisingly few problems reading texts written directly in English by people who aren't great English speakers. The comparison I'm thinking of is: A text that was written in a foreign language and translated badly vs. a text that was written badly in English. I'd prefer the second, every time. Of course, a non-native English speaker will make some odd word choices and use awkward sentence patterns - but all of those things get changed when we switch into another language anyway!

And I've always found that there is a mysterious clarity that comes from someone with clear ideas that they want to communicate. Even if their language "channel" is noisy, I feel like I can always perceive the ideas behind them, ignore the noise, and just write a good target text. When a mediocre translator has intervened, the ideas themselves have lost their definition and clarity, and reconstruction is much harder.

Of course, this has to do with my particular experience - I usually see non-native English texts when I'm being asked to edit academic papers, written by highly-educated writers. That's definitely a biased sample! But in general, separating the meaning behind from the language-specific surface representations is what we do for a living, right? So errors/problems that are purely surface or stylistic in general shouldn't be a problem (though they can make the work much less fun). Where the thinking/meaning behind the text is fuzzy, life becomes much harder, because then it's our job to reproduce the fuzziness, through a different filter. That can be really difficult. ▲ Collapse



reiwa
 United Kingdom

It depends.

May 16, 2019

It depends on how bad it is. If it's barely legible, then I will most likely not accept the job in the first place because trying to work my way through the text will be additional labour on top of the translation itself.

If it's a couple of errors here and there, I will ignore them and assume what the probable intent was.

[Edited at 2019-05-16 14:28 GMT]



Adam Warren ✓
 France
 Local time: 23:27
 Member (2005)
 French to English

Quantum meruit

Jun 2, 2019

Teresa Borges wrote:

... the transcriber didn't master English and though I tried my best the result was disastrous. In the end, I didn't invoice it.

I daresay it's easy to be wise after the event, and armchair criticism is as abundant as it is unwelcome.

Nevertheless, your contribution raises an important point of principle. You spent time and effort trying to make sense of a bad source document, and, while a full fee cannot be charged, the client should give recognition for your efforts. Agency clients should not feel able to make practitioners flounder unrequited. The fees are sufficiently low as it is.

In any event, I endorse another contributor's view that "dirty jobs" should be rejected.



Robert Rietvelt ✓
Local time: 23:27
 Member (2006)
Spanish to Dutch
+ ...

What is new?

Jun 2, 2019

The question should be: 'When your source text is well written?' Will I ever be so lucky?

